

# A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

ANNO V

Rio de Janeiro, 10 de Março de 1918

Nº 54

Grupo mantenedor: Maciel da Costa, Pompeu Cavalcanti, Souza Reis, (redatores); B. Klinger, Lima e Silva, Parga Rodrigues, Leitão de Carvalho, Encydes Figueiredo, J. Franco Ferreira, Newton Cavalcanti, Amaro Villa Nova, J. Ramalho, Pantaleão Pessoa.

## SUMMARIO

### PARTE EDITORIAL

Ensino Profissional

Duas conferencias do General Grandmaison

Os seis mezes de praça para matrícula na Escola Militar  
Troca de unidades entre as I, II e IV divisões do Exército.

### PARTE JORNALISTICA

Exercícios de artilharia sobre a carta.....	B. Klinger
Providencias urgentes.....	Capitão Parga Rodrigues
Escripturação do Tiro.....	Tte Barbosa Monteiro
Descrição do canhão Armstrong.	Major Pompeu Loureiro

### NOTICIARIO

Cartas do "Oripenkerl" — Publicações recebidas  
Expediente.



1.º Informar dia a dia o commando sobre a presença e movimentos das forças inimigas que poderiam inquietar a marcha ou o estacionamento das tropas;

2.º Oppôr-se ás incursões da cavallaria inimiga;

3.º Fornecer todos os dados necessários sobre as vias de comunicação e os recursos da região, em vista da preparação da marcha e da instalação em acantonamento.....

A' cavallaria da segurança de primeira linha podem aggregar-se destacamentos de infantaria e baterias de artilharia. ....

### CAPITULO III

#### *Protecção immediata das columnas. Regras geraes.*

Art. 22. Uma columna em marcha se acha sempre protegida a curta distancia por destacamentos tirados das tropas que a constituem.

Estes destacamentos têm as denominações de vanguarda, flanco-guarda ou retaguarda, conforme se acham, respectivamente, na frente, nos flancos ou atraz da columna.

A missão geral delles é garantir o corpo principal contra qualquer surpresa e assegurar ao commandante da columna, incessantemente, a livre disposição do grosso das suas forças.

#### *Vanguarda.*

Art. 23. A força de uma vanguarda está em relação com a da columna que ella cobre.

Deve ser sufficiente para permittir que a vanguarda se apodere de posições vantajosas, trave combate vigorosamente com o objectivo de obrigar o inimigo a mostrar suas forças ou, pelo menos, que possa contel-o quanto baste para dar ao corpo principal o tempo necessario para tomar suas disposições ao abrigo do fogo.

A vanguarda deve, d'outra parte, reparar e desobstruir o caminho seguido pelo grosso da columna. ....

A distancia entre a vanguarda e o grosso das tropas resulta da necessidade de facilitar ao commandante da columna o tempo e o espaço que lhe são necessários para tomar suas disposições.

Tal é a base. Iremos quebrar lanças contra esse texto veneravel? Certo que não, e a minha principal queixa contra os nossos costumes actuaes será de o terem torcido e amesquinhado.

Talvez que a sua forma não seja inatacavel. Sobretudo deploramos que, obedecendo a um espirito imprudente de simplificação e generalisação, — origem de muitissimos erros — não se haja contemplado senão uma segurança *omnibus*, que tanto convem á offensiva como á defensiva, tanto á marcha como ao estacionamento.

A redacção das ultimas linhas do art. 22, que include na missão dos destacamentos protectores o dever «de assegurar incessantemente ao commandante da colu-

mna a livre disposição do grosso das suas forças», é tambem deploravel, não só por ser vaga, como porque permite, sem heresia literal, as mais extravagantes interpretações.

Mas, no fim das contas, isso não passa de um detalhe, de maneira que, sobre taes bases, poderíamos perfeitamente realizar uma pratica sensata da noção de segurança, comtanto que não se torturasse, como se tem feito, sua letra e seu espirito.

A' segurança pedimos:

1.º Dados sobre o inimigo, para servirem de base ás decisões do commando;

2.º Uma protecção contra a surpresa e o tempo necessario para tomar nossas disposições de combate.

Para isso creamos dous órgãos:

A segurança de primeira linha;

A protecção immediata das columnas.

#### *Segurança de primeira linha.*

Ha muito que dizer sobre a penuria da nossa segurança de primeira linha. Seu papel se tornou vago e mal definida a sua missão.

Normalmente, esta deveria consistir na investigação do dado que proporcionará ao commando os elementos principaes da sua decisão tactica, e para isso basta a segurança de primeira linha, pois que, para atacar, sómente são precisas duas cousas: saber onde está o inimigo; decidir o que se vae fazer. Pouco importa o que pretende fazer o inimigo.

Entre nós, porém, o commando não se contenta em saber onde está o inimigo, para atacal-o faça elle o que fizer; quer que o ponham ao corrente do que faz o inimigo, para responder á sua acção com disposições apropriadas.

Como a segurança de primeira linha evidentemente não lhe póde ministrar tal dado, transfere todas as suas esperanças para os destacamentos de protecção immediata, que, por esse motivo, assumiram nas nossas preoccupações uma enorme importancia.

Desse injusto descredito resultou que o papel da cavallaria «na exploração proxima» é abertamente desdenhado. Sua pouca efficacia é objecto das lamentações habituaes de toda critica de manobra que se respeita — crescendo concomitantemente o nosso culto pelos destacamentos de protecção; ha nisso um verdadeiro circulo vicioso.

Receio bem, por outra parte, que o



culto pelos destacamentos de protecção não seja mais que idolatria. Chegou o momento de examinar o idolo.

### *Protecção immediata.*

O papel dos destacamentos de protecção immediata (vanguarda, flanco guarda, etc....) tem sido ao mesmo tempo exagerado e falseado, principalmente na offensiva.

Dous erros fundamentaes originaram o desvio da nossa concepção theorica da segurança, tornando-a praticamente inapplicavel, ou pelo menos inapplicada, conforme temos visto.

E' nisso que se deve procurar a causa primaria da actual desordem das nossas idéas tacticas.

*Primeiro erro.* — Pedimos á segurança immediata o que ella não póde nem nos deve dar.

*Segundo erro* (consequencia do precedente). — Confiamos toda a nossa segurança á acção dos destacamentos, isto é, *ao exterior*, quando a verdade é que, principalmente na offensiva, a segurança de uma tropa se basea antes de tudo no que se poderia chamar a sua *capacidade de ataque*; isto é, nas disposições anticipadamente tomadas para lhe permittir um ataque rapido e vigoroso.

Examinemos de mais perto esses erros.

*Primeiro erro.* — Temos por fim conseguido tornar-nos muito prudentes, de sorte que, para agir, precisamos de muito boas razões. O principal é não cahir em enganos e o que mais importa é *arriscar* o menos possivel.

Chegamos a tal ponto que já não construimos sobre o barro da idéa preconcebida ou sobre a areia das informações dos reconhecimentos; uma decisão que comprometta o conjunto de nossas forças não pode ter outra base que não seja a rocha do combate de reconhecimento.

Confia-se a destacamentos (na offensiva á vanguarda) a missão de ministrar, mediante combate, os elementos para a decisão do commando. E a nossa segurança será tanto mais perfeita quanto mais disponivel, melhor preparado a parar, a responder ás manifestações do inimigo e, por conseguinte, quanto menos empenhado na execução de um acto preciso, esteja o grosso das forças, até que o referido combate haja dado seus fructos, pois é necessario que o chefe tenha a livre disposição das suas forças para executar o

plano que, sómente neste momento, vae elaborar.

A inteira applicação de semelhante concepção não seria realizavel na pratica, nem mesmo em simples manobras. Mas o dogma existe e embora seja certo que, por instincto e quasi sempre, nos libertamos delle no terreno, tambem é certo que muitos o consideram o ideal que se deve buscar: tão profundamente penetrou o virus. Não é demais fazer uma rapida re- senha dos estragos que tem produzido:

A) Sob pretexto de fugir ao schema e de não realizar senão soluções exactamente apropriadas ás necessidades do momento, temos dado larga margem á preguiça intellectual.

Assim que esteja munido de um bom guarda-chuva (quero dizer, de um jogo de destacamentos de segurança funcionando bem), o chefe, com a tropa «em mão», póde viver tranquilo até que, graças á fucta empenhada pelos seus satellites, possa saber alguma cousa com segurança e pense em tomar uma resolução.

Emquanto isso não acontece, a unica decisão permittida é a de «proceder segundo as circumstancias», o que não exige um esforço mental consideravel.

Assim, pois, logicamente, o trabalho proprio do commando, a decisão tactica de conjuncto, deve ser adiada até um momento em que o chefe não disporá mais, provavelmente, de toda a sua liberdade de espirito, e em que, sobretudo quando se tratar de uma unidade importante, já será tarde para traçar com proveito um plano de combate.

B) O papel tactico que devemos attribuir aos destacamentos de segurança para dar alguma apparencia de solidez á nossa concepção sobre a segurança é, com effeito, irrealizavel.

Se tivessemos de combater um adversario que empregasse processos analogos, seria acceitavel que nutrissimos certas illusões. Em face, porém, de um ataque amplo e brutal, o tempo ganho será quasi nullo se a nossa vanguarda não se desenvolve anticipadamente em larga frente, já que o seu envolvimento será automatico e immediato. Se, pelo contrario, a frente é sufficiente, poderá talvez, aferando-se ao terreno, desempenhar o seu papel de protecção immediata, com a condição, porém, de ser rapidamente sustentada, pois que a sua densidade necessariamente será pequena. Em todo caso, o



grosso das tropas deverá intervir sem demora na totalidade da frente. E' necessario, então, que esteja preparado com antecedencia para isso.

Como, nestas condições, quando as vanguardas estão empenhadas, se poderia ainda hesitar entre acceitar ou recusar o combate? Consequencia tão logica da nossa noção de segurança, bastaria para mostrar como é erroneo o ponto de partida.

A concepção da vanguarda assegurando a independencia da tropa que cobre é, além de tudo, inseparavel da de «combate em retirada». A meu ver, a solidez desta ultima não é maior. <sup>(1)</sup>

C) Consequencia muito mais grave das nossas idéas sobre o combate de segurança, é uma atrophia quasi completa da noção de offensiva.

O combate defensivo é um expediente para ganhar tempo. E' uma acção de ordem inferior, que não póde pretender a victoria, porque suppõe, e sobretudo desenvolve em quem o emprega, uma inferioridade moral que não póde ser compensada por nenhuma vantagem material.

Essa inferioridade moral se deve á circumstancia de que o defensor subordina deliberadamente sua acção á do adversario. Espera que o inimigo manifeste sua vontade para atalhar os golpes e procurar responder.

<sup>(1)</sup> Seria o momento de acometter francamente este velho inimigo. O combate em retirada é o sustentaculo necessario da nossa theoria da segurança. Dizer que esse sustentaculo está carcomido, é pouco: está por terra.

Os que pretendem utilisal-o pertencem a duas classes:

Os que se servem da expressão para sahir de apuros, na carta, nos casos difficeis, sem saber o que isso significa. Attribuem-lhe uma virtude propria, um tanto misteriosa, pois pessoas instruidas falam disso com respeito;

Os que o ensaiaram lealmente no terreno e o julgam possivel. Não conheço muitos que penssem dessa forma.

Nós que somos gente simples, achamos que quem se retira é porque já não quer mais nada. Retira para não se bater.

Além das numerosissimas razões technicas que tornam impossiveis as retiradas successivas em pleno dia e diante do inimigo, existe o lado moral. Nenhuma tropa no mundo poderia resistir a semelhante prova.

Este anathema contra o combate em retirada, considerado como procedimento desejado e normal para as tropas de segurança, não tem a menor relação com os ardis, as emboscadas e a resistencia palmo a palmo em terreno coberto e accidentado. Observemos sómente que esses jogos são perigosos e com elles não nos devemos entreter muito tempo.

E é isso, sem exagero, o que nos procuram ensinar a praticar na offensiva. Antes de decidir sobre o emprego do grosso das suas forças, o chefe espera estar bem certo do que faz o inimigo; e então para-lhe os golpes e se dispõe a responder. Rebaixamos assim a offensiva ao nivel moral da defeza e — sem em nada diminuir as temiveis difficuldades materiaes della, lhe fazemos perder o impulso, facto unico que a torna possivel.

Desde o momento em que deixamos o inimigo tomar a «pose», precisamos prever suas astucias provaveis e preparar uma parada contra cada uma das manobras que possa intentar; assim mesmo, é necessario — pois que o principal é diminuir o risco — tomar judiciosas disposições na previsão de um fracasso.

Todas estas precauções se traduzem necessariamente em destacamentos, pois já não conhecemos outro meio de segurança e «montar» um ataque tornou-se um caso de inextricavel complicação.

Reconhecer para o combate, proteger os flancos, constituir no terreno uma base, escorar o ataque, preparar um recuo sem contar com as reservas..... seria necessario um *vade-mecum*.

Depois, quando assim se empregou em missões hypotheticas a metade da tropa, póde-se pensar em atacar com o resto, em uma frente reduzida e pouco a pouco, pois ainda resta alguma cousa a que é preciso dedicar especial attenção — a profundidade. <sup>(2)</sup>

Que aconteceria se não nos tivessem ensinado a economia das forças quasi tão cuidadosamente como a segurança?

Em resumo, para evitar a idéa preconcebida, instituímos a apprehensão preconcebida; é preciso receber tudo, prever tudo, estar prompto para tudo e, em consequencia, estar por toda a parte coberto por destacamentos.

Além disto, como não se quiz tomar uma decisão antecipada, orientar-se, alargar-se, preparar-se para o combate, é indispensavel que os destacamentos sejam numerosos, relativamente fortes, lançados

<sup>(2)</sup> Notemos, mais uma vez, que a sombra do absurdo acompanha sempre esse percurso. Não desejava que me obrigassem a dizer quanto é inutil assegurar os progressos occupando os pontos de apoio conquistados no avanço, durante o tempo necessario para proteger o ataque seguinte.



bastante longe, e assim, para evitar o alar-gamento, vamos direito á dispersão.

O mal é profundo; estamos intoxicados de alto a baixo na escala. E' tempo de reagir, de protestar em altas vozes contra usanças incompatíveis com toda a offensiva digna desse nome.

Na verdade, nós já não atacamos; com tantas precauções, o que fazemos é «contra-atacar», isto é, fazemos a «offensiva-defensiva» ou, se quizerem, a «defensiva-agressiva», pois, para ser vencido, tanto vale uma como outra.

Consequiremos, ao menos, estar «cobertos»; evitaremos o risco da surpresa e, — depois de tudo termos sacrificado a este ideal — temos certeza de chegar á parada?

Já o dissemos, — e nunca será demais repetil-o — talvez tudo isso tivesse algum valor diante de um inimigo animado do mesmo espirito... defensivo. Mas, em face de um ataque amplo e brutal, sem segundas intenções e que vae direito ao seu fim, se o deixamos tomar a iniciativa, todos os nossos destacamentos de segurança não nos permitirão fazer sequer um desenvolvimento razoavel.

Concluiremos d'ahi que, na offensiva, não existe a segurança e que é impossível estabelecê-la? Certamente que não. Unicamente o que concluiremos é que perdemos a noção da segurança na offensiva.

*Segundo erro.* — A pretensão de pedir á segurança proxima os dados destinados a fundamentar a decisão do commando, nos leva necessariamente a pretender que esta segurança descance por completo na acção incerta e difficil dos *destacamentos*.

Muito ao contrario, na offensiva, a segurança de uma tropa se deve buscar na propria tropa, na sua capacidade de ataque, isto é, nas disposições tomadas para atacar logo e vigorosamente. Um adversario assaltado bruscamente e por toda a parte ao mesmo tempo, só pensa em parar os golpes; já não manobra, e rapidamente se torna incapaz de qualquer offensiva séria. A rapidez com que nos empenharmos é que nos garantirá da *surpresa* e da violencia do ataque, nos protegerá contra a *manobra* do inimigo.

Levada até o absurdo, esta concepção poderia tornar-se tão perigosa como a da segurança total pela acção de destacamentos exteriores. Uma grande unidade não

póde estar sempre prompta para empenhar-se immediatamente. Além disso, é preciso prever (principalmente tratando-se dos allemães) a chegada ao campo de batalha de tropas que, subtrahidas até o ultimo momento á acção directa do commando e á atmospheria da lucta, podem não ter soffrido a depressão moral com que se conta.

A principio, portanto, formaremos destacamentos, mas dentro dos limites estritamente indispensaveis para completar nossas disposições interiores e com a incessante preocupação de tel-os á mão para atacar.

Esta noção de segurança baseada na superioridade moral que dá a iniciativa, — unica que convem á offensiva — não tem valor senão quando é accета em toda a sua integridade, sem segundas intenções. Sómente poderá empregal-a quem não abusa dos recuos, quem não se inquieta muito em saber como, em caso de fracasso, sahirá do aperto, quem não guarda recursos senão com a intenção de servir-se delles e não vacilla em lançar na linha de fogo o seu ultimo batalhão. Qualquer mesquinha moral, a menor resistencia na offensiva, destroe toda a sua efficacia e faz perder todas as suas vantagens.

O exemplo classico dessa mesquinha moral nos é dado pela idéa de crystalizar em uma attitude defensiva uma parte da frente, sob pretexto de mostrar em outros pontos maior força. Já assignalamos os perigos dessa offensiva — defensiva, que parece querer crear raizes entre nós. Qualquer cousa vale mais que essa extravagante concepção, em que, ao mesmo tempo, se encontram a fraqueza moral da defeza e as difficuldades materiaes do ataque. E' uma verdadeira perversão da economia das forças. <sup>(3)</sup>

Resta a applicação. Em breve nos occuparemos della mais detalhadamente. Ob-

<sup>(3)</sup> Por outra parte, estamos completos.

No ataque só falamos em aferrar-nos ao solo, em nos estabelecermos, em nos escorarmos etc.

Para a defeza era preciso arranjar alguma cousa melhor, e assim aconteceu.

Aqui não se trata mais de aferrar-se ao solo: fala-se em ir embora! Para muita gente, na actualidade, preparar uma defeza consiste em predispor cuidadosamente um certo numero de fracassos successivos. Tanto melhor será a defeza, quanto maior fôr o numero de revêzes preparados sob a forma de linhas que deverão ser evacuadas successivamente.

Mas não falamos aqui de defeza.



servemos somente, por agora, que a noção assim comprehendida da segurança offensiva é incompativel com a nossa mentalidade actual, para a qual evitar o risco é o cumulo da sabedoria. Será forçoso prejulgar, tomar uma decisão sobre dados inseguros, será forçoso *arriscar* e arriscar muito.

Certamente que esperaes, como conclusão o «hymno» ás forças moraes. Eil-o:

Os factores moraes não são os mais importantes, são os únicos que têm valor na guerra. Os outros não o têm senão na medida em que podem influir sobre o moral.

Este principio tem no seu bojo consequências technicas, particularmente quando se trata da noção de segurança.

A que adquirimos constitue talvez uma solução theoricamente razoavel do problema do empenho. Por desgraça, não se póde manter de pé desde o momento em que fizemos intervir o moral, ainda que seja sob a forma muito attenuada de uma vontade adversa, nas manobras, pois presuppõe em quem a emprega e no adversario, a mesma ausencia de espirito offensivo.

Na realidade — e seria facil demonstrar que nunca deixou de ser assim — a segurança de uma tropa no ataque se basea no seguinte facto: um homem a quem se agarra pela garganta e que está occupado em aparar os golpes, não póde atacar de flanco ou pela retaguarda.

O valor do methodo depende da rapidez com que se lhe salta á garganta e da força e vigor do arrôcho.

Na pratica, será preciso sacrificar tudo á rapidez e ao vigor do arrôcho immediato, destinado a determinar no adversario desde o primeiro instante, a mentalidade de um homem que se defende, sem grandes preocupações com os erros de detalhe, com o riscos accessorios e com as probabilidades de exito. Obtido este primeiro resultado, a energia da realisação fará o resto, qualquer que seja, por outra parte, a indigencia da concepção. Não recuaremos nem mesmo diante do seguinte principio que só na forma é paradoxal: «Na offensiva, a imprudencia é a melhor das seguranças».

Essa segurança nós a conhecemos quando ganhavamos batalhas e mesmo suspeito que, do ponto de vista tactico, nunca tivemos outra. Em todo caso, ignorava-

mos completamente a que nos quizeram ensinar depois, e não eramos os únicos... (4)

Depois nos fizeram ver o perigo de semelhantes costumes. Na maior parte das batalhas travadas desde que ha guerra, o vencedor — por falta de segurança — tem estado sempre a um passo da sua perda e se, apesar de tudo, conseguiu vencer, deve-se isso á curiosa casualidade de que o vencido se mostrou sempre inerte, ataxico.

Agora que todo o mundo tem a sua doutrina, as cousas não se realizarão tão facilmente. Para o futuro parece que se deve prever o defensor manobreiro e o vencido recalcitrante.

Não será inutil discutir mais miudamente o perigoso sophisma que reaparece sempre que, em plena paz, se faz a autopsia de uma guerra recente. E' curioso seguir-lhe os traços principalmente no vencedor, retrospectivamente impressionado com o risco corrido, humilhado ao verificar que, graças á sua imprudencia, só á inexplicavel ataxia do adversario de-

(4) Sente-se um pouco de rubor ao ter que explicar amplamente cousas tão evidentes.

Os antigos, os de Rivoli e os de Jena, seguramente não teriam comprehendido.

Menos ainda os de Magenta, aquelles que não cogitaram de constituir uma frente defensiva sobre o canal, quando Mac-Mahon verificava o rodeio. Passaram o dia fazendo-se matar, atacando encarnicadamente Ponto-Vecchio, realçando assim a mais elevada concepção de segurança com a maior innocencia. Os austriacos estavam do outro lado da agua; não passava pela cabeça de nenhum dos nossos que fosse possivel ver um austriaco sem lhe saltar em cima.

A esses é que os allemães pediram a receita de 1870.

Sem faltar ao fetichismo devido á memoria de Moltke, pode-se assegurar que os nossos vencedores foram:

Os do V corpo prussiano que, a 6 de Agosto, teimaram todo o dia em desembocar da ravina de Wœrth.

Os que, a 16 de Agosto, não puzeram flanco-guarda no bosque de Oignons e não pensaram senão em ferir prompto e forte, em qualquer parte, sem preocupação de saber quem estava na frente.

Senhores, foi a brigada Wedel quem nos bateu.

Bem estaes vendo: não ha methodo allemão nem francez; não ha senão o methodo dos que ganham batalhas.... e outros....

Não nos obstinemos nos «outros».



veu o éxito e que quasi sempre esse éxito resultou de um simples «impulso». (5)

Não nos podemos demorar mais tempo; retenhamos sómente que, entre vencedor e vencido, a miúdo não existe senão a differença deste impulso e desta imprudencia.

Para ter probabilidades de achar a receita quando se precisar della, é preciso antes de tudo arrancar do espirito a idéa de que não é possível bater-se sem estar coberto por algo.

## CONCLUSÃO

Resumamos.

Ha alguns annos que o espectáculo das nossas manobras deixa uma impressão de anarchia nas nossas idéas tacticas. Esta impressão não carece de fundamento.

Sem embargo, somos muito instruidos, trabalhamos muito, possuímos uma doutrina. Essa sim, não a applicamos porque, instinctivamente, a julgamos inapplicavel.

Tal doutrina repousa sobre certa noção de segurança, cuja característica é o temor do risco. Antes de empenhar o grosso das forças, é preciso saber o que faz o inimigo, o que se deve fazer em consequencia; e como, para proporcionar esse dado, só ha o combate de empenho, resulta d'ahi que na offensiva, da mesma forma que na defensiva, toda manobra se basea no emprego de destacamentos de segurança.

Temos procurado demonstrar a que extremo isso nos pode levar:

1.º Essa noção de segurança é incompativel com as necessidades de combate de hoje. Sentimos a urgencia de nos empenharmos desde o começo em frentes amplas e para isso ha boas razões. Torna-se, então, necessario, tomar de antemão, sem empenho previo, uma decisão que presupponha o emprego do grosso das forças;

2.º Ella aggrava a crise das frentes. Obrigados a prever tudo o que possa fa-

zer o inimigo e a parar seus golpes com destacamentos, estendemos nossa frente sem medida, multiplicamos os destacamentos e cahimos na dispersão;

3.º A missão que seria preciso confiar aos destacamentos de protecção para realizar a «nossa» segurança, é perigosa e inefficaz (vanguarda geral, combate em retirada...)

4.º A vulgarisação de tal concepção adulterou entre nós a noção de offensiva.

O facto de esperar uma manifestação da vontade, da parte do inimigo, antes de nos decidirmos, é inherente á defensiva. Não concorda com a unica segurança possível na offensiva, que consiste na paralyisa do inimigo *mediante ataque*.

E' preciso que nos contentemos em procurar o inimigo para atacal-o; o que elle pretende fazer nada importa, pois que temos a pretenção de impôr-lhe a nossa vontade.

Isto não se concilia, é claro, com as meias medidas; qualquer reticencia no ataque, faz perder a efficacia do methodo.

O costume muito, em voga de empenhar a frente e misturar habilidosamente a offensiva com a defensiva, é a morte de toda offensiva.

E' preciso reagir, e vigorosamente.

Resta-nos dizer como se poderia abordar o difficil problema do empenho das grandes unidades.

Já sabemos de que maneira os allemães pensam resolvê-lo, sendo as suas manobras, á primeira vista, mais desarrazoadas do que as nossas.

Não nos apressemos em rejubilar. Impressiona, effectivamente, reconhecer entre elles um culto tão intenso pela offensiva, que acceitam conscientemente taes inverosimilhanças, sem outro fim que o de incrustar a todo custo em cada cabeça allemã a seguinte verdade: «A melhor segurança consiste no ataque a fundo; a energia da execução redime todas as deficiencias e compensa todos os erros».

Felizmente não foram até o extremo da sua logica. A paixão delles pela ordem e pelo methodo, tanto como a lembrança do risco muitas vezes corrido em 1870, por causa da imprudencia das suas vanguardas, os desviaram do caminho recto.

Perderam de vista que a segurança offensiva com que contam, exige não sómente violencia e simultaneidade dos ataques, como também rapidez no empenho. Necessitam tempo, muito tempo, para se

(5) Encontram-se disso exemplos surprehendentes nos escriptos tacticos de Moltke. Felizmente para os allemães, seus chefes de tropas não applicavam em 1870 os principios que, de vez em quando, se encontram nesses escriptos.

Exemplo mais surprehendente, porem, temos nos russos:

A lembrança de Plewna, a impressão deixada pela admiravel brutalidade de Skobelev na alma de um excellente official de Estado-Maior, fizeram um Kuropatkine.



disporem em batalha e prepararem o envolvimento.

Talvez sejam esses os «pés de barro» do colosso.

Quando nos resolvermos a não lhes dar esse tempo nem esperar que façam o que quizerem para tomarmos uma decisão, poderemos com certeza imaginar um empenho que seja ao mesmo tempo mais rapido na offensiva e menos brutal em imprudencia que o offerecido por elles.

Senhores, temos *retalhado*; trataremos de *alinhar* em uma proxima conferencia. (Continúa).

## Os seis mezes de praça para matricula na Escola Militar

O artigo 54 do regulamento vigente para a Escola Militar estabelece, muito acertadamente, como condição para matricula nesse instituto de ensino, salvo excepções do seu § unico, *ter o candidato, no minimo, seis mezes de praça e effectivo serviço durante esse tempo em um dos corpos do Exercito.*

Este artigo traduz a intenção de só matricular na escola, moços que nos corpos tenham demonstrado aptidão para a carreira das armas, a par das qualidades moraes e physicas que a tropa evidencia, tão facilmente, nos soldados que soffrem a acção dos regulamentos.

Não ha duvida que, observando attentamente o soldado durante seis mezes de instrucção e effectivo serviço, o capitão e os subalternos da pequena unidade que o incorporou, podem assignar um juizo muito valioso sobre a conveniencia ou inconveniencia da sua matricula na escola militar.

Ninguém melhor do que os officiaes dos corpos do Exercito, poderá pronunciar-se em tal julgamento porque, diariamente, elles são forçados a observar e comparar todos os homens que educam.

Si a exigencia do artigo 54 fosse geral, isto é, expurgada das excepções destruidoras do seu paragrapho unico, e si os officiaes dos corpos soubessem que esse artigo significa a sua colaboração no recrutamento da escola, excellente seria o resultado colhido pelo nosso futuro quadro de officiaes. Os corpos comprehenderiam que a escola precisava matricular *bons soldados* e experimentariam convenientemente os candidatos, forçando-os a mostrar ou desenvolver o seu pendor militar.

O exame de recrutas, os exercicios principaes de atirador de 2.<sup>a</sup> classe, o exame de signalleiros e outras provas tão razoaveis, dentro dos seis mezes de praça que o intelligente candidato precisa ter, obrigar-o-iam ao conhecimento da vida real do soldado, e o imporiam desde os seus primeiros passos.

O preceito do artigo 54 que já foi tão sabiamente introduzido em alguns regulamentos, precisa ser realisado, cumprido sinceramente e sem excepção. Até hoje, em absoluto, só tem sido realmente exigida para matricula nas nossas

escolas militares, a condição da alinea f do artigo 55 (exames preparatorios), porque as outras são burladas, apezar da fiscalisação das administrações escolares.

O artigo 54 constitue o melhor processo de fiscalisação e, desde que annualmente sejam designadas as unidades para receber candidatos á matricula, acabará de vez o vicio implantado de considerar como unica condição para candidatar-se ao officialato, o ter um certo numero de exames.

Todos os annos, após os exames de instrucção, os commandantes de divisão poderiam indicar, como uma distincção, quaes as unidades que no anno seguinte deveriam receber os voluntarios candidatos á Escola Militar.

Assim seria cumprido honestamente o artigo 54, a vocação dos candidatos seria observada e evitar-se-ia que a escolha dos futuros officiaes fosse feita no dia do seu nascimento.

E' indispensavel que todo o candidato a matricula se inicie, *não nas secretarias dos corpos ou em unidades e estabelecimentos onde, alem de ter todas as concessões pela razão unica de ser candidato, finge-se disciplina e brinca-se de batalhão, mas no effectivo serviço de um corpo de tropa*, ao lado dos seus collegas sorteados, com todo o onus de ser soldado e com todas as exigencias do moderno recruta.

## Troca de unidades entre as I, II e IV Divisões do Exercito

A organização das unidades que não tiveram effectivo em praças nos annos de 1915, 1916 e 1917 e sua consequente articulação em brigadas e divisões, está pedindo uma modificação nas respectivas paradas ou, o que é mais simples e mais economico, uma troca de corpos entre as divisões.

Aquellas unidades, independentes como estavam, foram se organizando onde a necessidade e os recursos aconselhavam. As suas paradas hoje, em alguns casos, muito difficultam o commando e prejudicam a administração. Já está nomeado o commandante para a 2.<sup>a</sup> divisão do exercito e é de esperar que, como essa, as outras tambem sejam constituídas com todos os seus quartéis-generaes.

D'ahi a conveniencia de modificar o Decreto 11.498 de 23 de Fevereiro de 1915, no sentido de facilitar a articulação que nos occupa.

Essa modificação é uma providencia simples, para a qual o executivo está amplamente autorisado e tem a vantagem de ser, como já adiantamos, o processo mais economico para resolver a questão. Ella não trará nenhum prejuizo para o que se tem feito, facilitará o aproveitamento das energias despendidas e não ferirá as tradições das unidades porque essas brigadas e divisões, exactamente agora, iniciam a sua existencia effectiva.

Não é logico que, emquanto o 40, 41 e 42 batalhões de caçadores, que pertencem á 6.<sup>a</sup> região militar e 4.<sup>a</sup> divisão do Exercito, teem parada nas 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> regiões militares, o 5.<sup>o</sup> regimento de infantaria que pertence á 1.<sup>a</sup> divisão, tenha parada na 6.<sup>a</sup> região, ficando sob a acção do commandante da 4.<sup>a</sup> divisão; não se explica que o 12 regimento de infantaria



esteja na 2.<sup>a</sup> região como elemento da 2.<sup>a</sup> divisão, que tem as suas forças na 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> região, enquanto o 6.<sup>o</sup> regimento de infantaria que é da 1.<sup>a</sup> divisão está sendo organizado na 6.<sup>a</sup> região; não se comprehende, também, que o 54 batalhão de caçadores que é da 6.<sup>a</sup> região e 4.<sup>a</sup> divisão, esteja na 4.<sup>a</sup> região sob acção do commandante da 2.<sup>a</sup> divisão, enquanto o 60 batalhão de caçadores que é da 2.<sup>a</sup> divisão se conserva na 6.<sup>a</sup> região sob a acção do commandante da 4.<sup>a</sup> divisão. Como esses, ha outros casos que podem ser facilmente resolvidos em um decreto com grande proveito para o Exército.

Ha, entretanto, alguns casos que requerem uma situação provisoria excepcional, mas que pode ser regulada de modo a não perturbar a articulação da maioria das unidades. Sendo difficil e pouco aconselhavel, manter numerosas tropas nas 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> regiões, podiamos tirar partido dessa circumstancia para organizar com unidades da 1.<sup>a</sup> divisão as forças da circumscripção de Matto-Grosso. Para isso podiam ser transferidas para a 1.<sup>a</sup> divisão o 13 regimento de infantaria e 3.<sup>o</sup> regimento de cavallaria e, si é difficil a substituição do 5.<sup>o</sup> regimento de artilharia montada, não haverá inconveniente em determinar que, provisoriamente, a 2.<sup>a</sup> brigada de artilharia seja constituida com o 10.<sup>o</sup> regimento de artilharia montada, 19.<sup>o</sup> grupo da artilharia de montanha e 2.<sup>o</sup> grupo de obuzes.

As transferencias de paradas que julgamos indispensaveis são apenas *tres* e das mais economicas: a do 40 batalhão de caçadores do Rio Grande do Norte para o Estado do Rio de Janeiro e as do 1.<sup>o</sup> grupo de obuzes e 10.<sup>a</sup> companhia de metralhadoras, respectivamente do Estado do Rio e São Paulo para o Rio Grande do Norte. Só estas tres transferencias acarretam despeza.

Podemos resumir nas seguintes indicações as trocas, transferencias e outras medidas de caracter provisorio, indispensaveis para facilitar a articulação das unidades e dar maior liberdade de acção aos commandos de divisão:

#### Transferir

- da 1.<sup>a</sup> para a 8.<sup>a</sup> brigada da infantaria, o 5.<sup>o</sup> regimento de infantaria.
- da 2.<sup>a</sup> para a 8.<sup>a</sup> brigada de infantaria, o 6.<sup>o</sup> regimento de infantaria.
- da 8.<sup>a</sup> para a 1.<sup>a</sup> brigada de infantaria, o 13.<sup>o</sup> regimento de infantaria.
- da 8.<sup>a</sup> para a 4.<sup>a</sup> brigada de infantaria, os 40, 41 e 42 batalhões de caçadores.
- da 4.<sup>a</sup> para a 2.<sup>a</sup> brigada de infantaria, o 12.<sup>o</sup> regimento de infantaria.
- da 4.<sup>a</sup> para a 7.<sup>a</sup> brigada de infantaria o 60.<sup>o</sup> batalhão de caçadores.
- da 7.<sup>a</sup> para a 4.<sup>a</sup> brigada de infantaria o 54.<sup>o</sup> batalhão de caçadores.
- da 1.<sup>a</sup> para a 4.<sup>a</sup> brigada de infantaria a 7.<sup>a</sup> companhia de metralhadoras.
- da 4.<sup>a</sup> para a 1.<sup>a</sup> brigada de infantaria a 10.<sup>a</sup> companhia de metralhadoras.
- da 1.<sup>a</sup> divisão para a 2.<sup>a</sup> o 14.<sup>o</sup> regimento de cavallaria.
- da 2.<sup>a</sup> divisão para a 1.<sup>a</sup> o 3.<sup>o</sup> regimento de cavallaria.

#### Transferir as paradas

- da 10.<sup>a</sup> companhia de metralhadoras e do 1.<sup>o</sup> grupo de obuzes para o Rio Grande do Norte.
- do 40.<sup>o</sup> batalhão de caçadores para o Estado do Rio de Janeiro.

#### Estabelecer que

- a 1.<sup>a</sup> brigada de infantaria só será organizada em caso de mobilisação, ficando os 44.<sup>o</sup>, 45.<sup>o</sup> e 46.<sup>o</sup> batalhões de caçadores e 10.<sup>a</sup> companhia de metralhadoras, subordinados directamente ao commando da 1.<sup>a</sup> divisão.
- a 1.<sup>a</sup> divisão ficará provisoriamente sem a sua tropa divisionaria.
- o 4.<sup>o</sup> batalhão de engenharia e o 1.<sup>o</sup> corpo de trem ficam considerados, provisoriamente, como elementos, respectivamente, da 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> divisão do Exército.
- o 13.<sup>o</sup> regimento de infantaria, o 5.<sup>o</sup> regimento de artilharia montada e o 3.<sup>o</sup> regimento de cavallaria, ficam considerados, provisoriamente, tropas da circumscripção militar do Matto-Grosso.
- a 2.<sup>a</sup> brigada de artilharia ficará, provisoriamente, organizada com os: 10.<sup>o</sup> regimento de artilharia montada, 2.<sup>o</sup> grupo de obuzes e 19.<sup>o</sup> grupo de artilharia de montanha.

Não é preciso encarecer o resultado dessas medidas que permitirão organizar perfeitamente as 2.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> divisões e definirão as condições especiaes da 1.<sup>a</sup>, unica que não ficará completa.

Só assim os estados-maiores dessas grandes unidades e a 2.<sup>a</sup> secção do Estado-Maior do Exército poderão trabalhar proveitosamente sob a previsão de qualquer circumstancia duravel. Todas as vantagens da articulação das unidades em brigadas e divisões, passarão do papel para a realidade.

Agora que os quartéis-generaes estão perdendo o caracter puramente burocratico e, em vez de distribuidores de empregos e outras concessões que só perturbavam a vida dos corpos, já exigem e fiscalisam a instrucção, esforçando-se para a sua uniformidade, agora que os nossos luzeiros já se orgulham mais de montar bem e dirigir manobras do que de fazer politica e construcções civis, não se deve evitar a articulação das unidades.

E, si não forem generaes os commandantes de algumas brigadas, como é de esperar em vista do seu numero, poderão ser distinctos coroneis em commissão, para mostrar as qualidades com que concorrerão ao generalato.

Será este mais um beneficio decorrente da organização das brigadas e mais uma vantagem das alterações que pedimos, porque, só com ellas, esses coroneis terão a autonomia e o estímulo que os commandos de divisão podem despertar.

✽ ✽ Art. 7.<sup>o</sup> dos Estatutos — Aos redactores effectivos cabe a responsabilidade da edição, aos collaboradores a das opiniões que emittirem em seus artigos.



## Exercício de artilharia sobre a carta

(Carta de Grumatan)

*Situação geral.* Fronteira a orla S. da carta de Grumatan. Todos os cursos dagua vadeáveis. Verão. Bom tempo.

Uma divisão azul batida na fronteira recuou sem poder ser perseguida, para a linha Aldeia Passo Fundo-Villa São José.

O inimigo aguarda reforços para retomar a offensiva. Sua cavallaria não conseguiu passar a linha Convento-Usina Electrica.

*Situação particular do partido azul.*

Tropa: V. Br. I., I. G. A., 1.º/13.º R. C. O general A., cdte. deste destacamento e da V Br. I., recebe em Villa S. José, ás 10<sup>00</sup> de 28. 7. 15., ordem de occupar defensivamente Villa da Penha e Villa São José, estendendo-se para NE., afim de impedir o envolvimento que, segundo parecia, o inimigo ia tentar por esse lado.

A's 11<sup>00</sup> o general A. recebe uma informação de que o 1.º/13.º R. C., que se achava em Villa Operaria, havia sido repellido dahi e retirára para o N., perseguido por forças superiores de cavallaria.

\*

\* \*

A's 10<sup>05</sup> o general A. informa verbalmente ao major B. do I G. A., que como cdte. da artilharia se achava junto d'elle, sobre a ordem que recebeu, sobre a sua intenção de occupar com a sua Br. o morro a L. das duas aldeias, o 1.º R. I. á direita da estrada real, o 2.º R. I. á esquerda e, depois de uma breve troca de idéias (320 do R. E. I) sobre a collocação mais conveniente do grupo, lhe ordena que occupe posição na linha de alturas a NO. de S. José, ficando em vigilancia sobre a zona desde Observatorio até Fabr. de Tecidos. E conclue: «Eu fico aqui».

O cdte. do grupo repete summariamente a ordem recebida e afasta-se.

O general A. manda chamar os seus cdtes. de R. I. e dá-lhes a ordem.

\*

\* \*

O cdte. do grupo estuda a carta, segue ao galope até á Fabr. de Ceramica, ao SE. de S. José e manda ordem aos cdtes. de baterias por um estafeta (cavalleiro) que lá se lhe apresentem.

Quando estes lá chegam, ás 10<sup>20</sup>, dá-lhes

a seguinte Ordem: 1.º (R. T. 119 §§ 2.º e 3.º). Do *inimigo* nada de novo.

O *nosso destacamento* organisa-se defensivamente em Villa da Penha e S. José, contando com um movimento envolvente pela esquerda.

2.º A *brigada* vae occupar este morro, 1.º R. I. á direita da estrada, 2.º R. I. á esquerda.

3.º O *grupo* toma *posição* coberta atraz d'aquellas colinas a NO. de São José, *duas baterias a O. da estrada, uma a L.*, na ordem numerica da direita para a esquerda. *Postos de observação:* (R. T. 123, 124 § 1.º e 125 § 1.º) do grupo, da 1.ª e da 2.ª no alto da Villa da Penha; da 3.ª na frente da bateria.

*Ligação telephonica* da 3.ª commigo; no mais signaleiros. O capitão D. (da 1.ª) leva um subalterno comsigo (R. T. 2, § 3.º e 4.º).

4.º *Observador auxiliar* (R. T. 121 e 24 § 2.º, 3.º e 4.º) o Sr. tenente F., 1 sargento e 1 ordenança, junto á Officina de Canteiro, *ligação telephonica* com a 3.ª bateria.

5.º *Ponto principal de orientação* (R. T. 126 § 2.º) o pico da Fundição ao N. da Villa Operaria.

6. *Zonas de observação:* (R. T. 120 § 1.º) 3.ª bateria desde Obs. Meteorologico até Off. da Esc. Profissional; 1.ª bateria dahi até ao p. p. o.; 2.ª deste ponto até Fabr. de Vidros.

7.º *Baterias em vigilancia.*

\* \* \*

Quanto á *ligação* com a primeira linha de combate (R. T. 120 § 2.º) o major B. julga-se dispensado de qualquer medida especial por ter boa ligação pela vista com essa linha, e haver estabelecido um observador auxiliar.

Os capitães repetem cada um por sua vez, em essencia, o que lhes diz respeito nessa ordem e dirigem-se ao local indicado para posição de suas baterias afim de determinarem a situação das respectivas linhas de fogo. Em seguida orientam os planos de tiro de suas baterias e vão occupar seus observatorios.

O major B. manda participar ao general que escolheu seu observatorio na Villa da Penha e para lá segue pela estrada mais curta, fazendo-se anteceder pelo seu ajudante a quem incumbe a installação do observatorio, com o pessoal respectivo.



\*  
\* \*

Acompanhemos o capitão E., da bateria esquerda, nas suas operações.

A sua bateria deve ficar situada de tal modo que não seja preciso mudar de posição para poder continuar a bater o inimigo ainda quando elle occupar o morro da Fabrica de Ceramica. Isto significa que a bateria dever ter o espaço morto no maximo de 1300 m — distancia da crista da cobertura á Fabrica de Ceramica.  $E = 1300$ ; o angulo de tiro correspondente é  $F = 31$  millesimos.

Estimando o angulo de sitio da bateria em relação ao limite da zona a bater (Fabrica Ceramica) em 210, isto é  $+10$ , tem-se  $C = 31 + 10 = 41$  valor de angulo de cobertura, isto é, angulo de sitio da cobertura em relação á bateria. (Compl. do R. T. 16).

Entrementes o servente da luneta (R. T. 2 § 1.º) estacionou este instrumento, por indicação do capitão, na crista, junto á estrada, em condições de vêr o p. p. o. e sem se descobrir demasiadamente em relação á zona de observação da bateria.

Dando ao reflector da luneta a deriva vertical 160, isto é, angulo de sitio, — 40, volta a objectiva para a retaguarda e determina, pela incidencia da visada no terreno e deslocando o reflector lateralmente, a *posição limite* para a bateria. Acha assim, que a peça direita fica no pé do morro, onde começa a baixada que o separa do morro da Coudelaria da Lagôa. A posição fica na curva 110 e a 200 m ao NE. da estrada.

Admittamos que a linha de fogo seja mesmo ahi; é claro que de qualquer ponto mais afastado, a bateria com mais forte razão poderia atirar até ao limite referido, sem encristar, porque o angulo de cobertura tornar-se-ia menor.

O ponto escolhido para a peça direita, fica a 500 m da crista e a 20 m abaixo d'ella, portanto o seu angulo de cobertura é  $\frac{20}{500} = \frac{40}{1000}$ , como é preciso.

A bateria que já se acha na visinhança da posição, na estrada, faz então a occupação.

Emquanto isto o capitão collima a luneta para o p. p. o.

Supponhamos que elle obtenha a pa-

$$\text{ralaxe de } \frac{200}{3400} = \frac{60}{1000};$$

200m=distancia da peça-base á linha lu-

neta-p. p. o.; 3.400m=distancia da peça-base ao p. p. o.

Como a luneta se acha á direita do plano-de-tiro=base, a *deriva inicial* é negativa. Então, posto o reflector em 63.40, o capitão visa o pico da Fundição: está a luneta collimada, isto é, prompta a tornar os planos de tiro das peças parallelas ao seu plano O-32.

Estando a bateria a 500 m do observatorio a luneta não será muito bem visível ás peças; o capitão resolve por isso dar a deriva sómente á peça-base, deixando ao subalterno a orientação das demais. (R. T. 68 § 4.º). (\*)

Uma vez as peças em posição já o subalterno, cdte. da linha de fogo, (\*\*) recebe do capitão por um estafeta a cavallo o seguinte commando inicial, escripto:

«B. em vigilancia! P. p. á retaguarda! Peça direita p. á luneta, deriva 510! S. 205! A. 30!»

O subalterno transmite estes elementos á peça-base e em seguida fal-a referir sua direcção ao canto da casa da Coudelaria, junto á estrada; lê a deriva de referencia, seja 30.20, e commanda:

«Bateria em vigilancia! Ponto de pontaria á retaguarda! Canto da casa junto á estrada! Sitio 205! Alça 30! Deriva 30.20, escalonar de —25!»

O escalonamento das derivas para se obter o parallelismo dos planos de tiro vem da esquerda quando o p. p. é situado á retaguarda; aqui é preciso tornal-o negativo porque a peça-base é a direita. Sua grandeza é dada pela parallaxe do p. p. em relação á frente de secção. Sendo esta de 15 m e a distancia da peça-base ao p. p. = 600 m tinha-se o escalonamento

$$\text{de } \frac{15}{600} = \frac{25}{1000}$$

Orientadas as peças, o cdte. da linha de fogo manda signalisar (R. T. 5 § 4.º) ao capitão: «Conclusão!»

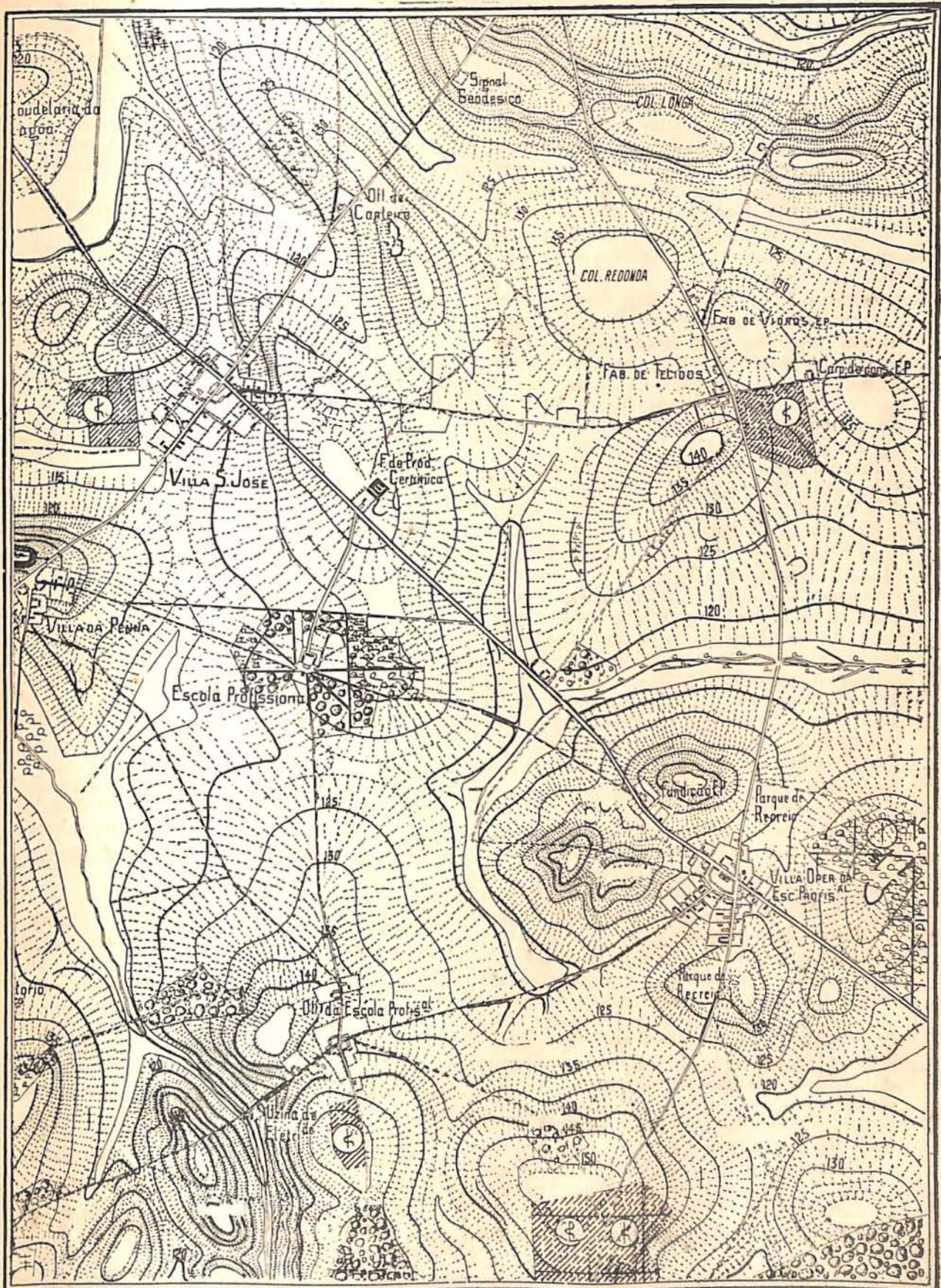
O capitão manda ao major, pelo telephone, a seguinte participação:

3.ª Bateria, prompto! Para L. e SE. minha vista é limitada (R. T. 125 § 2.º) pelo morro da Fabr. de Ceramica; mandei tenente G. reconhecer posição entre referido morro e o da Officina de Canteiro, de modo a poder bater a baixada a léste do citado primeiro morro.»

(\*) Nota accrescentada em 1918: Vd. R. E. A. 149.

(\*\*) Id.: Vd. R. E. A. 127, 2.ª parte.







A esse tempo as duas outras baterias também estão promptas, inclusive a sua ligação por signaleiros com os capitães.

A's 11<sup>30</sup> as forças vermelhas procedentes de SE. chegam á Villa Operaria, onde se acham desenfriadas ás vistas da força azul. O cdte. vermelho que já teve comunicação de sua cavallaria sobre a presença dos azues nas villas da Penha e S. José e de seus entrincheiramentos a L. d'essas povoações, adiantou-se, com o cdte. da vanguarda e o da artilharia, para o morro da Fundição, e depois de reconhecer pessoalmente as posições inimigas resolve atacar na direcção de S. José, um batalhão á direita da estrada, outro á esquerda, e fazer o grupo tomar posição para apoiar esse ataque.

O grupo só acha posição em pequeno **desenfiamento** (Compl. do R. T. 8 § 4.<sup>o</sup>), sendo duas baterias aos lados da estrada, junto á sahida NO. da Villa, e a terceira 500<sup>m</sup> ao N. da Villa.

\*

\* \*

Quando a infantaria vermelha se desenvolve o cdte. do grupo azul dá esta *Ordem*: «2.<sup>a</sup> Bateria atiradores á esquerda da estrada, 1.<sup>a</sup> atiradores á direita, regulação respectivamente com a secção esquerda e direita. (R. T. 132, § 1 e 135) 3.<sup>a</sup> Bateria toda a attenção ao pico da Fundição e ao do morro a SO. d'ella.»

O capitão da 2.<sup>a</sup> commanda:

«Sht! Só a 2.<sup>a</sup> s.! C. 10! A 32! F!»

O da 1.<sup>a</sup> commanda:

«Sht! Só a 1.<sup>a</sup> s.! C. 10! A. 33!

Deriva —70! F!»

Como as distancias fôram determinadas com bastante approximação — mesmo que não se estivesse no territorio patrio, teria havido bastante tempo para determinar as distancias aos pontos mais notaveis (Vêr R. T. 128) — ambos os capitães obtiveram tiros aquem do objectivo, mas a distancia que não excede a grandeza do garfo (R. T. A. 60, § 2 e 59) desejado, razão porque ambos passam, sem perda de tempo, ao tiro de efficacia.

O capitão da 2.<sup>a</sup> commanda:

«Toda a bateria! C. 12! Mesma alça! Um grupo!»

O da 1.<sup>a</sup> bateria:

«Toda a bateria! C. 12! Mesma alça! Um grupo!»

D'ahi em diante os capitães comman-

darão alterações na alça e na deriva de accôrdo com as observações e com a velocidade e direcção do movimento dos atiradores. Como estes irão descendo á medida que avançarem convirá ir diminuindo o corrector ao mesmo tempo que a alça ou de preferencia o angulo de sitio e a alça.

\*

\* \*

O capitão da 3.<sup>a</sup> B. percebe algumas pessoas no pico da Fundição e reconhece mesmo uma luneta de bateria. Elle commanda immediatamente (R. T. 127, § 2; 137):

«Sht! Toda a b.! Sitio 210! A. 32! Escalonar por secção! Deriva escalonar de —4! Um grupo!» (R. T. 96).

Era mesmo um caso de iniciativa do capitão; nada de aguardar ou pedir ordens. Depois fará a comunicação. Aliás o maior saberá do que se trata logo que vir os arrebetamentos no Pico.

O escalonamento da deriva tem por fim concentrar o feixe dos planos de tiro sobre o da peça direita. O escalonamento da alça (\*) é por secção em vista da confiança na estimação da distancia.

O estado-maior desaparece do Pico, ou dissimula-se melhor; a 3.<sup>a</sup> b. cala-se.

\*

\* \*

A artilharia vermelha abre seu fogo, deixando reconhecer distinctamente pelos clarões que duas baterias as quaes batem a infantaria azul, acham-se situadas entre os morros a NO. da Villa Operaria, e uma bateria a NE. do pico da Fundição, a qual contrabate a nossa artilharia.

O cdte. do grupo achando sufficientemente pronunciada a direcção do ataque, isto é, que o inimigo não se apresenta pelo valle ao S. de S. José, reconhece que o observatorio da bateria esquerda não está bem situado para que ella possa cooperar contra o ataque, dá a seguinte

*Ordem á bat. esquerda*: «Artilharia 50 millesimos á esquerda do p. p. o. Distancia approximada 3.500. Dados os elementos, mandae Tte. F. abrir o fogo e commandar o tiro enquanto mudaís o vosso obs. para o morro da Off. de Canteiro.»

O capitão vê os clarões da bateria ini-

(\*) Nota accrescentada em 1918: Vd. R. E. A. 139.



miga (perfil. n. 1); mesmo estando a sua bateria á esquerda do obs. do grupo, isto é, do mesmo lado do objectivo em rel. ao p. p. o., e estando aquelle obs. mais perto do obj. do que a bateria, concluirá embora grosseiramente que a deriva para a bateria deve ser maior do que a indicada.

No seu caso elle faz, ou manda o servente da luneta fazer a medição e *Commanda*: Grt! Só a s. esq! C. 10! Alça 35! Deriva +70! Communicar ao Tenente F. estes elementos, que o objectivo é artilharia ao N. da Villa Operaria e que elle do seu observatorio assuma o commando da bateria até que eu me mude para lá. A bateria muda o signaleiro da linha de fogo para a esq.»

O cdte. do grupo dá em seguida a seguinte

*Ordem ás baterias 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup>:*

«2.<sup>a</sup> Bateria, artilharia a NO. da Villa Oper.; 1.<sup>a</sup> Bateria bater toda a linha de atiradores.»

Supponhamos que a 2.<sup>a</sup> bateria com as successivas correcções de deriva commandadas para acompanhar o deslocamento dos atiradores á esquerda da estrada — seu primeiro objectivo — tenha chegado a um augmento de 300; agora commandará:

«Bateria alto! Grt! Só a s. d! C. 10! Alça 35! Deriva menos 370! Fl!»

O cdte. da bateria direita, em vista de terem grande intervallo uma da outra as duas linhas de atiradores, não acha conveniente batel-as alternadamente com toda a bateria (R. T. 69, 1.<sup>o</sup> período), porque isso exigiria interrupções consideraveis no fogo pela necessidade do desancomentamento cada vez que mudasse a direcção do tiro; resolve então dividir o objectivo total pelas duas secções e commanda

«Secção direita! mesma alça! Dois grupos! (R. T. 42). S. esq., mesma alça! deriva +300! Dois grupos!»

Uma vez regulada a direcção das secções, commandará «toda a bat.» com os mesmos elementos, ou a alça escalonada por secções conforme a sua observação, e encarregando da observação do tiro de uma das secções o subalterno que ha de ter junto a si.

Pelo numero dos clarões o capitão C. (bateria centro) reconhece que o objectivo conta oito peças occupando uma frente de <sup>60</sup>/<sub>1000</sub>. Em todo caso regulado o tiro elle dá a sua primeira série de grupos de effi-

cacia sem nenhuma correcção de direcção, até ter as alças favoraveis (R. T. 84), e só então commandará uma deriva de —40 para passar a bater a outra metade da artilharia inimiga. Essa deriva é a que elle mede do 1.<sup>o</sup> clarão ao 5.<sup>o</sup>.

O partido vermelho pronuncia o ataque mais fortemente contra o bosque da Escola Profissional, não só com a sua infantaria mas tambem, com as duas baterias ao S. do pico da Fundição.

Estas duas baterias agem correctamente de accôrdo com a lei fundamental do emprego da arma: *apojar a infantaria*, portanto tomar sempre por objectivo a força inimiga que mais impede o avanço da infantaria ou que mais depressa se de-seje desalojar ou inutilisar, sem embargo do fogo de que se é alvo das contrabaterias inimigas.

O commandante do grupo azul por sua vez vendo que essas baterias são a força inimiga que maior damno causa á sua infantaria, mais lhe difficultando manter sua posição no citado bosque, dá a seguinte

*Ordem*: 3.<sup>a</sup> Bateria, artilharia ao S. do Pico da Fundição; a 2.<sup>a</sup> bateria tem o garfo 35—36, corrector de efficacia 14. Estas duas baterias cruzam fogos!»

Subentende-se n'essa comunicação do garfo, de que elle se reporta á crista atraz da qual se vêem os clarões. (R. T. 4 § 1.<sup>o</sup>). O cruzamento dos fogos é necessario porque do novo observatorio do cdte. da 3.<sup>a</sup> bat. elle vê melhor a porção direita do novo objectivo.

O capitão da 3.<sup>a</sup> commanda:

«Bateria alto! Toda a bateria! C. 14! A. 35! Deriva —160! Um grupo!»

O capitão da 2.<sup>a</sup> que estava justamente batendo a metade esquerda da artilharia inimiga, reconduz o seu feixe para a direita, commandando:

«Mesma alça! Deriva +40! Um grupo!»

\*  
\* \*

A artilharia azul produz consideravel effeito nas duas baterias inimigas, o que se percebe pela diminuição do seu fogo.

A' vista d'isso o cdte. do grupo resolve lançar o tiro da 3.<sup>a</sup> bateria tambem contra a infantaria, linha ao S. da estrada.

Como resultado deste reforço dos fogos da artilharia inimiga, e da insufficiencia do apoio pela artilharia amiga a infantaria vermelha tem o seu ataque detido.



\*  
\* \*

Terminando aqui o exercicio convem ainda reflectir sobre a collocação que teriam os armões das baterias azues, e a columna ligeira de munições do grupo. Quanto a esta, devendo ficar a cerca de 600<sup>m</sup> da linha de fogo, ficará bem instalando-se desenhada na Coudelaria da Lagôa, ligação por signaleiros com as baterias.

Os armões das viaturas-peças e viaturas-munições das baterias ficarão os da 3.<sup>a</sup> bateria á esquerda, os da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> á direita da linha de fogo, aproveitando a cobertura natural proporcionada pelo terreno.

\*  
\* \*

Poder-se-á criticar o emprego da bateria direita vermelha: o seu effeito contra a artilharia azul, em grande desenhamento (perfil 8) deve ser insignificante, pois não ha por ora nenhuma indicação que permita limitar a profundidade do tiro progressivo (R. T. 81, § 1.<sup>o</sup>) e é de cerca de 800<sup>m</sup> pelo menos o espaço dentro do qual pode variar a posição das baterias azues atraz de suas coberturas. Só depois que alguma patr. de cav. ou patr. de official de artilharia conseguir chegar ao morro do Signal Geodesico, e informar a que distancias das cristas approx.<sup>te</sup> se acham as baterias é que o tiro contra ellas terá mais probabilidade de exito com menor dispendio de munição.

1.<sup>o</sup> Tenente *Bertholdo Klinger.*

Fab. de Prod. Ceramica, 28. 7. 15.—10<sup>20</sup>

Ordem ao I. G. A.

1. Do inimigo nada de novo. O *nosso destacamento* estabelece-se defensivamente em Villa da Penha e S. José, contando com um movimento envolvente pela esquerda.
2. A *brigada* vae occupar este morro, 1.<sup>o</sup> R. I. á direita da estrada, 2.<sup>o</sup> R. I. á esquerda.
3. O *grupo* toma *posição coberta* atraz daquellas collinas a NO. de S. José, *duas baterias a O. da estrada, uma a L.*, na ordem numerica da direita para a esquerda.

*Postos de observação:* do grupo, da 1.<sup>a</sup> e da 2.<sup>a</sup> no alto da Villa da Penha; da 3.<sup>a</sup>, na frente da bateria.

*Ligação telephonica* da 3.<sup>a</sup> commigo, no mais signaleiros. O capitão da 1.<sup>a</sup> leva um sub-alterno para o observatorio.

4. *Observador auxiliar* o Sr. Tte. F. (da 3.<sup>a</sup>), 1 sargento e 1 ordenança, na Officina de Canteiro, ligação telephonica com a 3.<sup>a</sup> bateria.

5. *Ponto principal de orientação* o pico da Função ao N. da Villa Operaria.

6. *Zonas de observação:* 3.<sup>a</sup> bateria desde Obs. Meteorologic até Off. da Esc. Profissional; 1.<sup>a</sup> bateria dahi até ao p. p. o.; 2.<sup>a</sup> deste até á Fabr. de Vidros.

B.  
Major.

Verbalmente aos capitães

Villa da Penha, 28. 7. 15.—11<sup>45</sup>

Ordem ao grupo.

1. 2.<sup>a</sup> *Bateria* atiradores á esquerda da estrada 1.<sup>a</sup> *Bateria* atiradores á direita, *regulação* respectivamente com a secção da esquerda e da direita.
2. 3.<sup>a</sup> *Bateria* toda a atenção ao pico da Função e ao do morro SO. d'ella.

B.  
Major.

Verbalmente aos capitães da 1.<sup>a</sup> e da 2.<sup>a</sup>, pelo telephone ao da 3.<sup>a</sup>

Villa da Penha, 28. 7. 15.—12<sup>00</sup>

Ordem á 3.<sup>a</sup> Bateria

Artilharia <sup>50/1000</sup> á esquerda do p. p. o. Distancia approximada 3500<sup>m</sup>. Dados os elementos, mandae tenente F. abrir o fogo e commandar o tiro enquanto mudaes o vosso observatorio para o morro da Off. de Canteiro.

B.  
Major.

Pelo telephone.

12<sup>05</sup>

Ordem á 1.<sup>a</sup> e á 2.<sup>a</sup>.

2.<sup>a</sup> Bateria artilharia NO. da Villa Operaria; 1.<sup>a</sup> Bateria contrabater toda a linha de atiradores.

B.  
Major.

Verbalmente

Villa da Penha, 28. 7. 15.—12<sup>15</sup>

Ordem ao grupo.

3.<sup>a</sup> Bateria artilharia ao S. do pico da Função; a 2.<sup>a</sup> Bateria tem o garfo 3500—3600, corrector de efficacia 14. Estas duas baterias cruzam fogos.

B.  
Major.

Verbalmente ao cdte. da 2.<sup>a</sup>, pelo telephone ao da 3.<sup>a</sup>

*Nota.* Este trabalho foi lido em 1915 em presença do Sr. general Ilha Moreira, inspector da artilharia, e mais alguns poucos officiaes (Seidl, Souza Reis, Leitão, Alcoforado e outros) em uma das reuniões por S. Ex. promovidas para estudo de jogo da guerra. Os trechos em questão dos art.<sup>os</sup> citados do R. T. A. eram lidos na ocasião.

✱ ✱ As assignaturas começarão em qualquer época, mas ter inarão sempre em março ou setembro, ficando assim os semestres e annos de assignatura coincidindo com os semestres e annos de vida da revista.



## Providencias Urgentes

Somente os ignorantes e os individuos inteiramente alheados ao estudo dos problemas sociais mais immediatos, relativos ao nosso meio, pôdem deixar de reconhecer a influencia preponderante e decisiva de um exercito organizado á moderna, sobre a futura nacionalidade brasileira. Essa influencia é tanto mais importante quanto, ao passo que em paizes mais adeantados é ella simples, é a mesma entre nós triplíce. Com effeito, entre nós, precisa o Exercito de dar aos conscritos e voluntarios educação domestica e physica, educação intellectual e moral e, por fim, preparação militar.

A missão dos officiaes do Exercito é, portanto, nobilissima e, tambem, da mais alta responsabilidade, e nenhum factor negativo e por menos que seja nocivo ao nosso trabalho deverá passar despercebido, sem protesto, sob pena de sobre nós e sobre todos aquelles que no Brazil fizeram com relativo successo a propaganda do serviço militar, pesarem todas as culpas.

Estas poucas linhas nada mais visam que um factor daquella ordem, crystalisado em costume, cujos nefandos resultados são por demais conhecidos. Refiro-me aos botequins e tavernas da mais baixa classe que, como verdadeiros parasitas, infectam as proximidades dos quarteis.

Nesses antros encontram-se apenas pipas, garrafas de todas as especies e, ainda, ferragens, peças de equipamento, arreiamento e equipamento e, mesmo armamento.

São optimas escolas do banditismo montadas com esmero, dotadas com todo o material imaginavel para a formação de profissionais e com um corpo docente idealmente recrutado.

Os alumnos do 1.º anno, do 1.º gráo de iniciação nessas terriveis escolas do Mal, são exactamente os nossos ingenuos e bons recrutas, voluntarios vindos do interior e do Norte, aos quaes procuramos logo dar as primeiras noções da civilidade, hygiene, moral e disciplina, ao lado da instrucção physica, com o fim principal de tornal-os moral e physicamente fortes e poderem, assim, evitar as transgressões disciplinares e os crimes militares.

A escola do Bem, porem, exige trabalho, sacrificio e, não poucas vezes a miseria, ao passo que sua antagonista, escondando cuidadosamente as funestas consequencias, apresenta a liberdade, o prazer e o gozo. Ao innocente e ingenuo recruta será difficil resistir á tentação embelezada e perfumada, directamente, na escola ou no seu proprio alojamento por um monitor já bastante experimentado — o engajado não graduado.

Se, como nos mostram factos remotos e recentes, homens de grande cultura e immensa responsabilidade roubam a nação ou se vendem para satisfazerem a caprichos de que já deveriam estar emancipados («cherchez la femme»), para augmentarem uma já immensa fortuna não mais sabendo onde podel-a guardar com segurança, como poder um homem simples e rude resistir a uma tentação intensamente animada e á qual elle não poucas vezes cede, não por ambição, luxuria ou gozo, mas para obter descanso, conforto indispensavel e, ás vezes, justiça?

Na grande maioria dos casos o ladrão, o desertor e o assassino são mandados e os mandantes e realmente os unicos responsaveis são esses taverneiros e seus auxiliares.

Estes ja na caserna começam as primeiras lições. Emquanto o recruta aprende rapidamente e faz com entusiasmo a continencia a seus superiores hierarchicos, aquelles lhe ensinam a fingir que não veem as pessoas a quem devem fazer o altivo cumprimento militar. Essa altamente nociva lição contra a disciplina é naturalmente seguida de outras contra a honestidade e contra a moral.

Duas medidas urgentes, pois, se impõem, ambas no sentido de evitar-se que o fim collimado pelos officiaes de tropa e seus auxiliares não seja annullado pela acção affrontosa daquella escola de bandidos.

A primeira depende exclusivamente do Ministerio da Guerra: *proibição expressa do engajamento de praças que, satisfeitas todas as exigencias regulamentares, não possam ser graduadas por deficiencia no exame para isso pres-tado.*

A segunda decompõe-se em duas partes:

a) *creação em cada corpo de um casino ou cantina para inferiores e praças;*

b) *lei especial prohibindo expressamente a abertura de estabelecimentos de seccos e molhados e seus assimilados nas proximidades dos quarteis situados fóra de centros populosos.*

A primeira parte (a) dessa segunda providencia depende, tambem, do Ministerio da Guerra e a segunda (b) pôde por seu intermedio ser conseguida.

No caso dos *interpretadores* da Constituição julgarem inconstitucional a parte (b) restar-nos-á somente o seguinte meio de defeza resultante do argumento:

Se a Constituição permite como exercicio de plena liberdade que bandidos expulsos do Exercito e da Detenção formem associações commercias altamente rendosas á custa da disciplina do Exercito, da saude do povo, do bem estar da sociedade e do futuro do Brazil, ella, a



Constituição, não se poderá oppôr ás acções de legitima defeza exercidas pelo Exercito contra os crimes praticados contra elle, contra a sociedade e contra a Patria.

Se, exgotados todos os recursos legais nenhum resultado fôr alcançado, poderíamos, então, como no caso individual, agir por nossas proprias mãos.

Lembro-me do recurso efficaz empregado por um illustre commandante: Verificavam-se com frequencia roubos de artigos militares, bebidas infernaes e assassinatos sem poder-se descobrir a séde e origem de tantos crimes, porque nesse logar os antros não affrontavam tão cynicamente, como aqui, as zelosas autoridades militares. Um inferior habilmente escolhido consegue em reconhecimentos nocturnos descobrir o fóco do banditismo, intelligentemente disfarçado em miseravel choupana.

No dia seguinte uma patrulha sob o commando do mesmo inferior, levando a incumbencia de inutilizar as bebidas alcoolicas, penetrou no antro onde pouco teve que fazer, porque a unica cousa existente na tal *casa commercial* era uma enorme pipa de aguardente, cujo escoamento foi sem ceremonias provocado por um largo furo e presenciado com prazer por alguns e com dôr por outro ao qual naturalmente as moléculas do fluido, somente para elle visíveis, pareciam moedas correntes. Como por milagre todos aquelles crimes desapareceram...

Será possível que, por falta de leis apropriadas, sejam os chefes dignos deste nome obrigados a empregar taes meios, na apparencia aggressivos e violentos, mas realmente legitimos para salvaguardarem a disciplina e decoro do Exercito?

O quartel do 6.º Regimento de Artilharia montada está ainda em preparos no Curato de Santa Cruz e ja se sabe de projectos de abertura de alguns antros nas suas proximidades e, se nenhuma medida preventiva fôr tomada, lá teremos fatalmente o nosso «Morro do Capão».

Acabo de reconhecer o perigoso inimigo e ao chefe das tropas apresento todos os dados, croquis incluso, para que elle o ataque com segurança, energia e firmeza e neste ponto termina a minha responsabilidade.

Capitão Parga Rodrigues.

## Escrepturação do Tiro

(NOTAS)

### I

E' incontestavelmente uma das mais caprichosas e das mais complicadas das escrepturações da caserna. Todavia as suas vantagens são de tal ordem e natureza que fazem perder por completo

a importancia dessa relativa complexidade. São seus detalhes que permitem fazer, além de uma fiscalisação rigorosa, uma idéa perfeitamente nítida do que foi a instrucção de tiro durante o anno. Encontram-se ahi, de facto, todos os elementos indispensaveis á execução de um exame dessa natureza.

Entretanto, a traducção parece ter omittido alguns pontos, e, em consequencia, a escrepturação se mostra ás vezes um pouco obscura. D'ahi a falta de entendimento que se nota pelos corpos relativamente a esta questão.

Vamos tentar uma analyse dos differentes pontos do regulamento que se prendem ao assumpto e ver o que se torna necessario introduzir para, sem alterar a essencia, tornar mais claro o que existe.

O livro de tiro começa por «uma lista por ordem alphabetica de todos os militares da companhia (1.ª e 2.ª tenentes etc.)». Esta lista não tem o nome do capitão.

O tiro de instrucção só é e só deve ser obrigatorio de subalternos para baixo (1), e o capitão nunca faz na instrucção o uso do fuzil; mas pôde fazel-o, e neste caso ha necessidade de registrar os seus tiros. Não haverá inconveniente, pois, dando essa faculdade ao capitão, em se reservar nessa lista uma linha, assim como uma folha de tiro no livro, para registrar o que fôr relativo ao capitão como atirador. Aliás, o regulamento não o prohibe, e a ultima resolução (boletim 141) reforça esse modo de entender (2). Está claro e subentendido, portanto, que quando um official de gradação inferior commanda companhia é obrigatorio o seu nome nessa lista.

Como em geral, depois de iniciado o curso de tiro, são incorporados á companhia, durante o anno, mais alguns homens, convém deixar após a lista um espaço para essas incorporações. Esse espaço deve ser encimado pelo titulo — «Incorporados durante o anno». Nesta parte não se pôde observar o rigor da ordem alphabetica.

Toda lista deve ter uma columna de observações, sendo nesta observado apenas o que é relativo ao homem e ao que de alguma sorte interessa ao anno de tiro. Por exemplo: transferido para esta companhia em 5/4.

Sendo esta lista um índice, não p'de dispensar uma columna indicando as *paginas* de registro dos tiros. E' boa a pratica de se empregar tintas differentes para as inclusões e exclusões. Costuma-se tambem fazer essa lista em caderno separado, para só introduzi-la no livro, respeitando com vigor a ordem alphabetica, no fim do anno. Não é má essa pratica e nem se contraria o regulamento por isso, muito embora elle prescreva que «o livro de tiro da companhia deve sempre se achar em dia».

Depois dessa lista tem o livro um registro das *armas* por ordem. Esse registro é tambem um índice, e é por elle que se procura onde estão registrados os tiros feitos pelas *armas*. Na columna de observações só é registrado o que interessa á arma. Exemplos: Acha-se no Arsenal em concerto na massa de mira — Passou a a pertencer ao soldado B em 3/5 — Mosquetão.

(1) Não ha necessidade de tornal-o para o capitão.

(2) Outros regulamentos da mesma fonte dizem que o capitão tem o nome nesta lista.



A pratica de reunir as duas listas/ anteriores em uma unica é inconveniente, porque ambas representam indices. A reunião só se justificaria se houvesse, o que se não dá, a coincidência da ordem numerica das armas com a ordem alfabetica. Entretanto, pode-se aproveitar esse registro e combinal-o com o *registro do armamento* (assumpto ja commentado na revista de dezembro). Para esta combinação o modelo I, junto, satisfaz.

## II

Estudemos agora o mappa modelo I do R. T. I.

O objectivo desse mappa é apenas registrar os exercicios que se realisaram, e a munição que se consumio. E' por isso, talvez, a principal fonte de dados para a confecção do relatorio. Sua clareza é de tal ordem que dispensaria qualquer commentario se não fosse pequena duvida que sempre surge ao se carregar a casa — exercicios especiaes.

Nos livros de tiro das companhias na casa — Tiros de officiaes — só devem ser carregados os tiros feitos em sessões especiaes pelos officiaes das respectivas companhias, essas sessões podendo ser convocadas pelo commandante de batalhão ou pelos proprios commandantes de companhias. Na mesma casa do livro de tiro do batalhão só são carregados os tiros que em sessões especiaes forem feitos pelos officiaes do batalhão (em geral só o ajudante). Esses tiros especiaes não devem ser confundidos com os tiros normaes de instrucção feitos pelos officiaes e que são carregados, quer nos livros das companhias quer no do batalhão, na columna — tiros de instrucção.

Como a execução desses tiros importa com o gasto da munição, é preciso que os tiros especiaes dos officiaes convocados pelo commandante de batalhão sejam feitos com munição das companhias pelos officiaes das companhias, com a do batalhão pelo ajudante. E' justamente para isso que os batalhões dispõem de um supplemento de munição, supplemento este que pôde, desde o principio do anno, ser posto á disposição das companhias e, portanto, reunido á receita da munição da companhia.

Todos os resultados desses tiros devem ser registrados nas respectivas folhas de tiro.

Cada batalhão tem ainda, além disso, um livro especial (não o livro commum de tiro) para registro dos tiros especiaes feitos pelos officiaes em sessões convocadas pelos commandantes de batalhão e companhias. E' por esse registro que cada commandante de batalhão avalia as condições de seus officiaes como instructores de tiro.

Nas duas ultimas columnas dos exercicios especiaes só se registram os tiros especiaes feitos pelas praças (sargentos inclusive). Sobre o emprego da munição, tratando-se de exercicios determinados por autoridades superiores, deve-se respeitar o que já foi dito relativamente aos officiaes.

O modelo I do R. T. I. apresenta a falta de uma casa horizontal para a somma de cada especie de tiro. Penso porem que se não sahe do regulamento por se addicionar essa casa. Esse mesmo modelo deve ter a sua columna de observação, sendo esta mais particularmente destinada ás observações relativas ás falhas e aos cartuchos inutilisados.

Por exemplo: «O cartucho que a produzio foi do 2.º trimestre de 1916».

Como modelo eu indico o numero II, junto.

Como o livro de tiro deve estar em dia, esse mappa, que deve ser organizado logo no inicio da instrucção e no principio do livro, após o registro das armas, deve ser completo com todos os seus dizeres. Não é possivel fazer omissão de qualquer de suas columnas, uma vez que se não pôde prever os exercicios que se realisarão; salvo si se organizar um mappa em caderno separado.

## III

Segundo o nosso R. T. I. a folha de tiro de cada homem comprehende tres partes perfeitamente distinctas. A primeira é relativa aos tiros de instrucção, a segunda aos de combate, a terceira comprehendendo os detalhes relativos á passagem de classe e ás recompensas de tiro. Francamente, não comprehendo porque foi o regulamento minucioso em uma parte e não o foi em outra. Pelo modelo, por exemplo, não se registram os concursos.

Além disso, posterior á publicação do R. T. I. foram feitas outras exigencias, e as folhas de tiro tal qual se acham organizadas não satisfazem a essas novas exigencias.

A folha de tiro deve conter em resumo a escripturação completa de toda a actividade do homem como atirador, além das indicações que se tornam necessarias para esclarecimento de detalhes que são individualmente indispensaveis. Nestas condições o modelo regulamentar não é o mais satisfatorio. Elle é tambem incompleto relativamente á ultima prescripção do art. 71 e não indica o modo de assignalar os tiros de prova. Sobre esses tiros o regulamento apenas diz que os tiros de prova devem ser assignalados «ao lado do tiro que motivou a prova».

No final de cada cathegoria de exercicios ainda se notam expressões identicas a esta: *total de tiros...*, e por fim — *total de tiros de instrucção*. E' claro então que nesse total não se acham contemplados os tiros de prova. Como convém evitar que se sommem os tiros de prova com os de instrucção propriamente ditos, visto que esses tiros são, nos relatorios, indicados em columnas distinctas, é preferivel fazer a abertura de mais uma columna onde se possam registrar, distinctamente, os tiros de prova. Por todas essas razões seria preferivel o modelo III a estas notas junto.

Ainda sobre folhas de tiro convem chamar a attenção de que não deve haver confusão entre *numero de ordem* e *numero do exercicio*. Este está especificado na columna — *Natureza do exercicio*. Por isso, onde tem *n. de ordem* devemos entender a serie natural dos n.ºs inteiros. E' por essa serie que se tem immediatamente a somma dos exercicios realisados. Por *n.º do exercicio* devemos entender o que exprimem os numeros da pagina 41 do R. T. I.

Nem sempre tambem a pagina do livro coincide com a folha de tiro.

Para evitar que se esteja novamente numerando um livro já paginado, é muito mais pratico eliminar a expressão — *Folha de tiro n.º...* —, substituindo-a pela pagina. Os tiros dados como de ensaio nos concursos são carregados como tiros de concurso.



## IV

O modelo de relatório comprehende, segundo o R. T. I., duas partes. Na primeira vê-se a tarefa desempenhada pela companhia durante o anno; na segunda, além da parte relativa ao emprego da munição, um resumo do aproveitamento que foi na primeira detalhado.

Alguna imperfeição que se nota na primeira parte do modelo é mais devida a descuidos na impressão do que ao proprio modelo. Contudo, há sempre alguma cousa que não dispensa um commentario, porque quem tem o capricho de seguir rigorosamente os modelos jamais se subordina a ligeiras alterações para as quaes basta muitas vezes o concurso do bom senso. Nestas condições, não precisa mais nada para comprehender que não se justifica no modelo a existencia de um quadro em branco na linha dos *ganhos*; não precisa tambem muita reflexão para descobrir que se deve supprimir ou augmentar tantas linhas horizontaes (*a*), (*b*), (*c*) etc. quantas vezes forem necessarias.

Junto a essa parte do relatório vem, no verso, uns dizeres para justificar o que se disse no quadro com os algarismos e mais uma noticia sobre distinctivos, além de uma outra relativa aos tiros de combate. Pela disposição desses dizeres e pela assignatura parece que tudo isto só pôde vir no verso do relatório.

Francamente, considero muito difficil encontrar razões que justifiquem tanto rigor em modelos; o natural seria dispôr em seguida ao quadro as explicações e depois o logar e o nome com o posto da autoridade que o assigna. Além disso, se os esclarecimentos sobre os tiros de instrucção estão bons, a parte relativa aos tiros de combate não satisfaz ás exigencias de um commandante de batalhão que seja rigoroso. Realmente, pelo modelo do R. T. I. só se tem uma vaga noticia do que foi o tiro de combate durante o anno, e não se justifica que se seja tão minucioso nos tiros de instrucção e se o deixe de ser nos de combate. Serão por ventura os de instrucção mais importantes que os de combate? Sob o ponto de vista tactico não se discute; são estes os mais importantes. E parece que é a parte tactica a mais importante e que mais interessa quando se trata da instrucção da tropa.

A segunda parte do relatório ou o modelo IV ainda tem umas casas que são uma repetição de umas casas da primeira. Essas casas são superfluas em relatórios de companhias; são indispensaveis nos de batalhão.

Assim, como relatório de batalhão o modelo IV deve limitar-se a fazer o resumo da instrucção do batalhão, em face dos dados fornecidos pelas companhias e mais o que fôr relativo ao pessoal do proprio batalhão (estado menor); como parte do relatório de companhia deve limitar-se á parte relativa á munição.

O facto do regulamento dizer que os relatórios devem ser feitos *segundo* os modelos III e IV não quer dizer que a segunda parte do relatório de companhia seja feita *rigorosamente igual* ao modelo IV.

## V

O relatório de tiro do batalhão não pode ser sinão um resumo dos relatórios de tiro das companhias, porque elle apenas se destina a informar ás autoridades superiores, de uma ma-

neira geral e synthetica, o que foi na unidade o anno de tiro. Não tem e não pode ter particularidades que só interessam aos directamente responsaveis pela instrucção da unidade. Quando as autoridades superiores querem conhecer o que foi a instrucção em seus detalhes têm a faculdade de requisitar os relatórios das companhias.

Como uma das partes do relatório de tiro do batalhão é preferivel o modelo V, junto. Nesta parte devem ser abertas ou supprimidas tantas casas *a*, *b*, *c* etc. quantas forem necessarias. Não ha necessidade ahi do desdobramento da columna — *Tiros de combate* — tal qual se observa no relatório da companhia. Junto a esta parte ainda deve ter o batalhão uma outra destinada aos exercicios do pessoal do estado menor do batalhão, e segundo os modelos V a e IV c do relatório da companhia.

## VI

Finalmente, é preciso consagrar algumas linhas á questão das munições.

Sobre o movimento da munição por entre as unidades e tendo em vista a responsabilidade que a escripturação acarreta, não se tem até hoje conseguido um resultado satisfactorio.

Praticamente, para attender o gasto da munição, cada unidade devia ter um deposito compativel com seu effectivo e as exigencias do R. T. I. Isto porem, nem sempre é possivel; demais ha ainda o inconveniente da grande quantidade de munição que ficaria de alguma sorte espalhada.

Parece que só se resolve o problema pelos pedidos parciaes, uma vez que a somma desses pedidos não ultrapassasse o que se chama a *dotação annua*. Se por acaso a munição gasta por uma unidade fôr muito pequena em relação á annua de que precisava, em vez da casa — munição annua — pôde-se, sem inconveniente, substitui-la por — *munição recebida* — e neste caso não ha a columna — *supplemento*, porque esta columna é somente destinada á munição que se pede além da dotação annua.

Tudo isto feito assim evita que se veja, o que é commum, uma mesma munição em varias cargas ao mesmo tempo ou ás vezes figurando duas vezes na carga de uma unidade uma mesma munição. Por outro lado, a substituição da columna — dotação annua — por — munição recebida — evita, quando não ha munição sufficiente ou quando só se gastou da annua uma parcella muito pequena, caso normal entre nós, o absurdo de se vêr carregada no mappa toda a munição annua quando na realidade a unidade só recebeu uma parcella.

Que contas prestaria um commandante de companhia, por exemplo, que n'uma fiscalisação rigorosa apresentasse um mappa com toda a munição annua quando na realidade só tivesse elle recebido a terça ou quinta parte?

Entre nós deve-se entender por munição annua não, a que corresponderia ao effectivo orçamentario, porem ao *provavel*, isto é, áquelle que na realidade se tem sommando ao effectivo na incorporação dos recrutas o coefficiente provavel de incorporados durante o anno. Em tal caso todo esse calculo é feito approximadamente. Não se pôde ter a velleidade de fazel-o de um modo excepcionalmente rigoroso. E' ridiculo tambem o sophisma de só contar com os homens armados a fuzil para o calculo da munição annua.



Explicação :  
Nas observações desse mappa se registram tambem a data e o resultado do tiro de verificação (229), quando esses tiros se realisam antes do inicio dos tiros de instruccão.

[illegible]



## Folha de tiro Nº .....

Atirador de ..... classe

Fulano

Fuzil (mosquetão) Nº .....

## 1. — Tiros de instrução

N. de ordem	Data	Natureza do exercício	Resultado dos tiros	N. de Tiros		Observações
				De instrução	De prova	
(SERIE A) Tiros de ensaio (65 e 71)						
1		Os que fazem o tiro de verificação não terão os tiros dessa serie.				Aqui também se registram a data e o resultado dos tiros de verificação se estes tiros tiverem logar no correr dos tiros de instrução.
2						
3						
etc.						
Total						
(SERIE B) Exercícios previos						
1		Deitado arm. 1. - 150 - Alvo Z. C. S.	8. 3. + $\begin{cases} 6. \\ 9. \end{cases}$ (*)	3	2	
2						
3						
etc.						
Total						
(SERIE C) Exercícios principaes						
Total						
(SERIE D) Exercícios organizados pelo commandante da companhia						
Total						
(SERIE E) Exercícios determinados pelas autoridades superiores						
1						
etc.						
Total						
Total dos exercícios de todas as series						

(\*) Modo para carregar os tiros de prova.



## 2. — Tiros de combate

Tomou parte	Data	Logar do tiro	Tiros dados	Observações
a) nos de preparação	2/5 4/7	Fazenda dos Affonsos Gericinó	5 10	
b) nos de esquadra	12/7	Fazenda de Santa Cruz	10	
c) nos de secção				Não houve este anno por falta de tempo.
d) nos de pelotão				Idem.
e) nos de companhia	4/12	Campos do Dendê		Não tomou parte por ter baixado ao Hospital a 2/12.
f) nos de exame				Não houve este anno por ordem superior.
Total dos tiros			25	

## 3.

Concursos . . . . . { a) Tomou parte no de 5/8 dando 4 tiros.  
b) Tomou parte no de 3/9 dando 3 tiros.

Recompensas de tiro. { a) Recebeu o premio do concurso de 3/9.  
b) Etc.

Passou para a classe superior em 12/11.

## Relatorio de Tiro

Modelo IV a

## A — Tiros de instrução

..... Companhia				CLASSES DE TIRO									
				Especial			Primeira			Segunda			
				Officiaes	Sarg.tos	Praças	Officiaes	Sarg.tos	Praças	Officiaes	Sarg.tos	Praças	
1. Effectivo na incorporação dos recrutas . . . . .													
2. Ganhos				a) por transferencia . . . . .									
				b) por incorporação . . . . .									
Total. . . . .													
3. Perdas				Não iniciaram os exercicios por se acharem.	a) Destacados . . . . .								
				Interromperam os exercicios por terem deixado a companhia como . . . . .	b) Respondendo conselho . . . . .								
					a) Doentes . . . . .								
					b) Desertor . . . . .								
Total. . . . .													
4. Deviam executar todos os tiros de instrução. . . . .													
5. Do effectivo mencionado no n. 4.				a) Executaram todos os tiros de instrução a distancias reaes e satisfizeram as condições									
				b) Executaram todos os tiros de instrução a distancias reaes mas não satisfizeram as condições exigidas									
				c) Deixaram de executar todos os tiros (Não executaram todos os tiros de instrução.									
				d) Executaram todos os tiros de instrução a distancias reduzidas por insufficiencia de vista e satisfizeram as condições . . . . .									
				e) Executaram todos os tiros de instrução a distancias reduzidas por insufficiencia de vista mes não satisfizeram todas as condições.									
6. Do numero 5 passaram para a classe mais elevada . . . . .													

## Esclarecimentos

Como está no regulamento. Em seguida vem a parte (8).



## B — Tiros de combate

Natureza do exercicio	Data	Logar de exercicio	N. de homens	N. de tiros	Observações
De preparação. . .	2/5 e 4/7	Fazenda dos Affonsos e Gericinó	52	280	Não houve por falta de tempo Idem
De esquadra . . . .	12/7	Fazenda de Santa Cruz	51	510	
De secção . . . . .					
De pelotão . . . . .					
De companhia . . .	4/12	Campos do Dendê	52	520	Proibido por ordem superior
De exame. . . . .					
Total dos tiros. . . . .				1290	

## ESCLARECIMENTOS

- Não tomaram parte :
- a) nos tiros de preparação :
- 1º O cabo A que passou á disposição da brigada em 3 7.
- 2º Etc.
- b) nos de esquadra :
- 1º A praça B por ter ido depôr n'um inquerito.
- c) nos de companhia :
- 1º Etc.
- Em seguida em a parte (b).

## C — Munição

RECEITA				DESPEZA										Saldo para o anno seguinte	Falhas	Cartuchos inutilisaveis
Exercicio do anno anterior	Dotação annual	Supplemento	Somma	Tiros de instrução	Exercicios especiaes			Tiros de combate	Tiros de applicação	Tiros de verificação	Tiros de concurso	Tiros de prova	Somma			
					Tiros de officiaes	Sargentos e praças										
						Organisados pelo com-mandante da comp.	Organisados pelas autoridades superiores									
						</										

## OBSERVAÇÕES

Logar etc.  
Nome  
Posto

Explicações sobre a organização do relatorio :

1º da parte (A)

O numero 4 = 1 + 2 — 3.

A somma dos effectivos a, b, c, etc. do n. 5 é igual ao effectivo n. 4.

Em geral, nos esclarecimentos, só se explica do n. 5 a letra c.

Os effectivos do n. 6 são em geral iguaes aos da letra a do n. 5; excepcionalmente são inferiores (58).

2º das partes (B) e (C).

Essas partes vêm em seguida á parte (A), após os esclarecimentos desta. Algum esclarecimento da parte (C) póde vir nas observações.



Companhias e estado menor			MUNICAO	
1. a.	Officiaes	(a) Effectivo na incorpora- ção dos recrutas	RECEITA	
	Sargentos			
	Praças			
2. a.	Officiaes	(b) Ganhos durante o anno	DESEPEZA	
	Sargentos			
	Praças			
3. a.	Officiaes	(c) Perdas durante o anno	Exercicios especiais	
	Sargentos			
	Praças			
B. m.	Officiaes	(d) Deviam executar todos os tiros de instrucção	Sargentos e praças	Organizados pelo com- mandante da comp. <sup>a</sup>
	Sargentos			
	Praças			
	Officiaes	(e) Executaram todos os ti- ros de instrucção a distancias reaes e satis- fizeram as condi- ções	Organizados pelas auto- ridades superiores	Tiros de combate
	Sargentos			
	Praças			
	Officiaes	(f) Executaram todos os ti- ros de instrucção a distancias reaes e não satisfizeram as condi- ções	Tiros de applicação	Tiros de verificação
	Sargentos			
	Praças			
	Officiaes	(g) Deixaram de executar todos os tiros de ins- trução	Tiros de concurso	Tiros de prova
	Sargentos			
	Praças			
	Officiaes	(h) Executaram todos os ti- ros de instrucção a dis- tancias reduzidas por insufficiencia de vista e satisfizeram as cond.	Somma	Saldo para o anno seguinte
	Sargentos			
	Praças			
Excesso do anno anterior			Falhas	
Dotação annual			Cartuchos inutilisaveis	
Supplemento				
Somma				
Tiros de instrucção				
Tiros de officiaes				
Organizados pelo com- mandante da comp. <sup>a</sup>				
Organizados pelas auto- ridades superiores				
Tiros de combate				
Tiros de applicação				
Tiros de verificação				
Tiros de concurso				
Tiros de prova				
Somma				
Saldo para o anno seguinte				
Falhas				
Cartuchos inutilisaveis				
Somma				

Tenente Barbosa Monteiro.



## DESCRIÇÃO DO CANHÃO ARMSTRONG

De 152 m/m tiro rápido

O canhão de Armstrong de 152 m/m, tiro rápido, com 41,65 calibres de comprimento, ou de 6.321 m/m, comprehende o corpo e o mecanismo da culatra.

O corpo do canhão é formado de um tubo alma de aço fundido e forjado, reforçado por cintas do mesmo metal.

O corpo divide-se: — externamente — em bolada, parte cintada e culatra e — internamente em alma e alojamento do mecanismo da culatra.

A bolada é a parte comprehendida entre a primeira cinta e a bocca do canhão.

Nella notam-se: — a bocca, o corte da bocca e a tulipa que serve para reforçar a bocca.

A parte cintada vai da primeira cinta á culatra.

Nella notam-se: — os 1.º, 2.º, 3.º e 4.º reforços e um anel com supportes cylindricos, destinado de construcção a receber um arco dentado e graduado.

As cintas de metal ou reforços são introduzidas no tubo alma pela parte posterior, na ordem em que estão da bolada para a culatra, sob alta temperatura, afim de melhor se ajustarem pelo resfriamento.

Os 2.º e 3.º reforços nada apresentam de notavel, além das suas funcções ordinarias do revestimento do tubo alma.

O 4.º reforço, ou cinta dos munhões, traz os munhões reforçados por embases, por meio dos quaes o canhão repousa sobre o reparo.

Nos embases existem os furos apropriados — encaixes de mira — para receberem o pé das massas de mira.

A culatra é formada pelo prolongamento do 1.º reforço além do corte posterior do tubo alma.

Ella apresenta um reforço annular destinado a fixar diversas peças do mecanismo da culatra.

Nas suas faces, direita e esquerda, proximo á parte posterior — córte da culatra — existem os alojamentos cylindricos dos encaixes das alças, e na face superior, um orificio aberto obliquamente da esquerda para a direita que serve de alojamento ao extractor.

O encaixe para a alça de mira é um cylindro de metal amarello, com um vasado triangular no centro tendo uma inclinação de 1/20 do gráo para a esquerda, onde se introduz a alça.

Nelle notam-se: — os alojamentos da mola que fixa a alça, e do parafuso de transmissão que movimenta a mesma.

O anel da culatra apresenta no lado direito as bragas do transportador e do supporte, e ainda um vasado onde se aloja com a sua mola a alavanca do extractor; e na parte posterior um orificio roscado para o parafuso guia do supporte.

A alma, que é o vasio do cano, divide-se em parte raída, adoçamento e camara.

A parte raída, que serve para imprimir ao projectil um movimento de rotação, compõe-se de 35 raías, abertas da esquerda para a direita, separadas por cheios.

Adoçamento é a superficie conica que liga a parte raída á camara, e que fixa o projectil no acto do carregamento.

A camara é a superficie cylindrica onde se alojам o projectil e o estojo e que resiste á pres-

são dos gazes desenvolvidos durante a combustão da carga de projecção.

O alojamento do mecanismo da culatra é formado por duas secções, uma cylindrica e outra tronco-conica, apresentando ambas tres partes lisas e outras tantas filetadas, correspondendo as partes lisas de uma secção ás partes filetadas da outra.

Na parte anterior superior do alojamento do mecanismo da culatra existe um cavado onde se aloja a garra do extractor.

### Mechanismo da culatra

O mecanismo da culatra comprehende os aparelhos de fechamento, de disparo, de segurança, e de extracção.

O aparelho de fechamento é constituído pelas seguintes peças: — parafuso da culatra, transportador, eixo do transportador, alavanca de manobra, eixo da alavanca de manobra, connector, parafuso do connector, cêpo, prisão do parafuso da culatra, e dispositivo retém do mesmo aparelho.

O parafuso da culatra é um bloco massiço de aço, apresentando duas secções — uma cylindrica e outra tronco-conica — divididas cada uma em 6 partes, sendo tres filetadas e tres lisas, correspondendo as partes filetadas de uma secção com as partes lisas da outra.

Neste parafuso notam-se: na parte posterior um vasado cylindrico onde penetra o braço do transportador; alojamento para a cabeça do percussor; pino de aço por meio do qual o movimento do cêpo se transmite ao parafuso de culatra; entalhe onde penetra o dente do retém; na secção cylindrica — um orificio roscado onde se atarracha o parafuso prisão e na parte anterior um rebaixo annular para o adaptador de estopilhas e orificio para a ponta da agulha percutora.

### TRANSPORTADOR

O transportador é uma peça massiça de metal amarello, que gira em torno de um eixo, situado no lado direito da culatra, e onde se collocam todas as peças dos aparelhos de fechamento, de disparo e de segurança.

No seu lado direito notam-se: — um reforço onde está aberto o orificio com chaveta guia de aço para o eixo do transportador; uma calha em rampa onde trabalha a extremidade anterior da alavanca do extractor; um outro reforço menor com orificio para o eixo da alavanca de manobra, e um orificio para o supporte do conductor electrico.

No lado esquerdo, notam-se: — os alojamentos do cêpo e do aparelho de segurança e o descanço para o braço da alavanca.

Na face inferior, á direita, existe uma calha em rampa onde deslisa o botão do supporte.

Na face interna existe um braço cylindrico que penetrando no vasado do parafuso da culatra; serve de supporte a este parafuso que nelle fica preso pela sua prisão.

Neste braço cylindrico está aberto o alojamento do corpo do percussor e um segmento circular onde trabalha o pé da prisão do parafuso da culatra.

Eixo do transportador.

O eixo do transportador é uma cavilha cylindrica que fixando o transportador no anel da culatra, lhe serve de eixo.

Nelle notam-se: — orificio de lubrificação, fe-



chado por um parafuso de fenda; ranhura rectilínea para a chave de guia, golla para o pino e sulco para o lubrificante.

#### ALAVANCA DE MANOBRAS

A alavanca de manobra serve para manobrar o aparelho de fechamento e é constituída por uma barra de aço recurvada, fixa no transportador pelo eixo.

Nella notam-se: orifícios para o eixo da alavanca e do connector; alojamento para a chapa guia da alavanca do aparelho de segurança, e o punho guarnecido de metal amarelo.

#### CONNECTOR

O connector serve para transmittir ao cêpo o movimento recebido da alavanca de manobra, e é constituído por uma pequena barra de aço tendo em uma das extremidades um eixo fixo de pé filetado, que penetra no orifício respectivo da alavanca de manobra, e na outra, um orifício para o parafuso do connector.

#### PARAFUSO DO CONNECTOR

O parafuso do connector é uma peça cylíndrica de pé filetado que atravessando as orelhas do cêpo, liga o connector ao dito cêpo.

#### CÊPO

O cêpo é uma peça rectangular que deslizando em seu alojamento, faz mover por meio do pino, o parafuso da culatra, quando actuada pelo connector.

No cêpo notam-se: as orelhas com orifícios para o parafuso do connector, e o alvado onde se aloja a bucha do pino do parafuso da culatra.

#### PRISÃO DO PARAFUSO DA CULATRA

A prisão do parafuso da culatra serve para prender este parafuso no braço do transportador, e é constituída por um parafuso de fenda, tendo a parte superior filetada e o pé liso.

#### DISPOSITIVO DO RETEM

O dispositivo retem do parafuso da culatra consta do corpo, da mola e da prisão.

O corpo é brocado internamente para servir de alojamento á mola, e apresenta ainda um rasgo elliptico onde deslisa o pé da prisão.

A sua extremidade anterior foi arrasada em semi-circulo para formar o dente.

A mola é um arame enrolado em espiral.

A prisão é constituída por um parafuso cujo pé liso deslisa no rasgo elliptico.

O dispositivo retem serve para immobilisar o parafuso da culatra durante o movimento do transportador, afim de que as suas partes filetadas não deixem de corresponder ás partes lisas do seu alojamento na culatra.

Ao aparelho de fechamento está ligado um suporte de metal para os projectis, fixo no anel da culatra por um eixo, e cujo braço curvo trabalha em uma calha em rampa existente no transportador de tal forma que elle sobe quando se abre a culatra, e desce quando esta se fecha.

#### APARELHO DE DISPARO

Este aparelho é assim denominado por que occasiona o disparo do canhão, quer fazendo percussão por meio de agulha percutora quer inflammendo-a por meio de uma corrente electrica.

Não possuindo actualmente estes canhões o aparelho electrico, deixamos de dar aqui a sua descripção, para fazel-o tão somente do aparelho de percussão.

Este aparelho consta das seguintes partes: — corpo do percussor, agulha percutora, mola real, luva do percussor, retem de segurança e gatilho.

O corpo do percussor é um cylindro de aço vasado no centro para receber a haste da agulha percutora.

Da sua parte anterior para a posterior, notam-se: — batente annular onde vae-se adaptar a cabeça da agulha, golla que serve de apoio á mola, com nervura guia para dirigir o percussor em seu alojamento no transportador; entalhes para o dente de armar do gatilho, rebaixo para o dente do retem de segurança; nervura guia para o mesmo retem, rebaixo com furo para o conductor electrico, e cauda roscada para a porca e sobre-porca de cruzeta, ambas de metal amarelo.

Um dos braços da cruzeta é um pino que serve para desatarrachar a porca do metal, e o outro traz uma chave de bocca para as porcas sextavadas da haste da agulha percutora.

Na agulha percutora, notam-se: — ponta rugosa, macho, cabeça com arruella de sola e haste.

A haste está envolvida em um tubo de caoutchuc que a isola do corpo do percussor e tem a extremidade posterior filetada para receber as porcas sextavadas que a fixam no mesmo corpo.

A mola é um arame enrolado em espiral que envolve o corpo do percussor.

A luva, ou receptor guia do percussor, conhecida na Armada por «culatrinha» é um cylindro de aço vasado no centro para receber o corpo do percussor.

A sua superficie exterior apresenta filetes interrompidos para engrazal-a no seu alojamento no transportador.

Nella, notam-se: — saliencia rectangular, onde está aberto o alojamento do gatilho; fenda para o dente de segurança do gatilho; fenda longitudinal para o dente do retem de segurança, em qualquer das duas posições de disparo que a luva possa occupar á direita ou a esquerda; rebaixo posterior para o dente do mesmo retem.

O retem de segurança é uma peça de aço vasada no centro, que envolve o corpo do percussor.

Nelle, notam-se: — externamente, o dente que fixa a luva em qualquer das suas posições de disparo, boccal roscado onde se atarracha o conductor electrico, orelha, onde esbarra o linguete do aparelho de segurança; — internamente — a ranhura para a respectiva nervura guia existente no corpo do percussor.

#### GATILHO

O gatilho é uma peça de aço com a forma de uma chave commum.

Nelle notam-se; a haste, a mola, a arruella de aço e a porca serrilhada.

Uma das extremidades da haste traz um olhal onde se prende o gancho do detonador, e na outra tem o dente de armar que penetra em um dos entalhes do corpo do percussor, e o dente de segurança que serve para immobilisar o gatilho na luva.

A arruella de aço serve de apoio anterior da mola.



## APPARELHO DE SEGURANÇA

Este aparelho consta do eixo, da mola, do linguete e do parafuso de fenda.

O eixo tem a forma de um T invertido, quando collocado em seu alojamento.

A haste deste T é envolvida pela mola, e termina na parte superior por uma secção cylindrico-prismática, onde está aberta a porca do parafuso que fixa o linguete.

Em um dos braços do T nota-se um botão de bordos chanfrados, o qual deslizando na ranhura guia da chapa aparafusada na alavanca de manobra, faz girar a haste que desta forma leva o linguete de encontro á orelha do retém de segurança.

A mola é um arame enrolado em espiral.

O linguete é constituído por uma chapa de aço a qual apresenta um orifício cylindrico-prismático para sua adaptação do eixo, do aparelho ou haste do T, onde fica presa por um parafuso de fenda.

## APPARELHO DE EXTRACÇÃO

Este aparelho compõe-se — da alavanca do extractor; do eixo da alavanca; da mola; do estojo de mola; do extractor; da luva do extractor e da porca do extractor.

A alavanca do extractor é uma peça de aço com duas secções, uma rectangular e outra cylindrica, separadas por um ressalto anular que serve de apoio anterior da mola.

A extremidade da secção cylindrica foi achatada, sendo nella aberto um furo prismático para o eixo.

O eixo é uma peça cylindrico-prismática, com cabeça circular e orifício para o pino.

A mola é uma tira de metal amarello enrolado em espiral.

O estojo da mola é uma peça de aço tendo nas extremidades orifícios para os parafusos que a fixam no anel da culatra, e no centro um cavado circular com orifício para dar passagem á secção cylindrica da alavanca.

O cavado do estojo aloja parte da mola e lhe serve de apoio posterior.

O extractor é formado por uma barra cylindrica de aço, tendo uma das extremidades sextavada com orifício para o pino.

Nelle notam-se: — batente para a porca, sulco para o lubrificante e tres rebaixos que formam a garra do extractor.

A luva do extractor é uma peça cylindrica com duas orelhas onde estão abertos os orifícios para o eixo da alavanca do extractor.

Na luva estão abertos: — orifício para o pino, e o vasado sextavado onde penetra a extremidade direita do extractor, que ficando deste modo intimamente a ella ligado, é arrastado no movimento determinado pela alavanca do extractor.

A porca é de formato commum, tendo porem entalhes na face externa para applicação da chave.

Ella é atarrachada no proprio corpo do canhão, para impedir a sahida do extractor.

(Continúa).

Major Pompeu Loureiro.

## Cartas do "Griepenkerl"

As novas cartas topographicas do «Griepenkerl», cuja perfeita reproducção obtivemos aqui, por se terem esgotado as primitivas, vindas da Allemanha, têm despertado os mais lisongeiros commentarios. Os clichês foram feitos no Gabinete Photographico do Estado Maior, sob as vistas do seu competente director, snr. Freitas e a impressão no Serviço Geographico Militar, cujas officinas, sob a inexcédível direcção do snr. Major Vidal, se acham aparelhadas para a execução dos mais difficeis trabalhos.

As cartas, em numero de cinco, continuam á venda, a 600 rs. cada uma, pelo correio 800 rs.

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

*O Tiro de Guerra.* — Revista official da Directoria Geral do Tiro de Guerra, anno I, nºs. 1 e 2.

*Revista Militar do Brazil.* — Janeiro. Do seu summario destacamos o artigo *A proposito do «Retrospecto» d'A Defeza Nacional*, que reivindica para determinados ministros e deputados as glorias de iniciativas realisadas em 1917, com real vantagem para o Exercito, attribuindo-nos ao mesmo tempo o intuito de «glorificações injustas». A leitura dos dous artigos, o nosso «Retrospecto» e a critica publicada na «Revista Militar do Brazil», e tambem a lembrança ainda fresca das administrações passadas, na pasta da Guerra, esclarecem sufficientemente a questão e dispensam qualquer commentario ou esteril polemica.

*A Estancia*, anno VI, n.º 1, Janeiro de 1918.

*Revista dos Militares*, n.º 92, Fev. 1918.

*A 43* — Revista dos Tenentes, anno I, n.º 1.

*A patrulha em campanha*, pelo Tenente Nilo Val.

*Campanha do Contestado*, II volume, por Crivelaro Marcial.

## EXPEDIENTE

Terminando com este numero as assignaturas de semestre, rogamos sua renovação e avisamos que, para regularidade de escripturação, deixaremos de remetter a revista aos assignantes cujo pagamento se acha atrazado de um semestre.

Egualmente avisamos os nossos assignantes que, sómente mediante pagamento adiantado, será feita a remessa de qualquer das nossas publicações.



Os extravios causados por falta de comunicação opportuna das mudanças de endereço correm por conta do assignante.

Para facilitar aos nossos camaradas a aquisição do «Guia para o Ensino da Tactica», resolvemos vendel-o a 5\$000, pelo correio 6\$000, aos que não são nossos assignantes; e a 3\$500, pelo correio 4\$000, aos que o são ou tomarem assignatura de um semestre.



# Representantes da "A Defeza Nacional"

«O grupo mantenedor da *A Defeza Nacional* reconhece em seus representantes junto aos corpos de tropa, repartições e estabelecimentos militares, merito equivalente ao de seus collaboradores litterarios e o caracter de verdadeiros propagandistas da causa deste orgão, synthetisada em seu titulo.» (Art. 1 da Circular n. 6, de 24-5-915.)

## No Rio de Janeiro

M. G. — 1.º Ten. E. Leitão de Carvalho.  
E. M. do Ex. — 1.º Ten. Arnaldo D. Vieira.  
D. O. — Cap. J. A. Coelho Ramalho.  
D. A. — Coronel Principe.  
3.ª D. — 2.º Ten. Columbano Pereira.  
IV R. — Cap. J. A. Coelho Ramalho.  
Br. Pol. — Cap. M. Castro Ayres.  
1.ª R. I. — 2.º Ten. Maciel da Costa.  
2.ª R. I. — 1.º Ten. Octaviano Gonçalves.  
3.ª R. I. — Cap. Dr. Alves Cerqueira.  
52.ª Cag. — 1.º Ten. Mario A. do Nascimento.  
53.ª Cag. — Capitão Zeferino Penalber.  
56.ª Cag. — Ten. Allonso Ferreira.  
58.ª Cag. — Ten. Roberto D. Santiago.  
1.ª Cia. Metr. — Cap. A. Alencastre.  
5.ª Cia. Metr. — Ten. O. Vequey Campello.  
1.ª R. Cav. — 1.º Ten. Raymundo Sampaio.  
11.ª R. Cav. — 2.º Ten. Simas Enéas.

1.ª E. Trem. — Tenente Manoel A. C. Batalha.  
1.ª R. A. — 1.º Ten. Manoel de B. Lins.  
20.ª G. Art. — Major Pompeu Loureiro.  
1.ª Bat. Art. — 2.º Ten. Octavio Cardoso.  
Fort. S. João — 1.º Ten. J. F. Monteiro Lima.  
3.ª G. Ob. — 2.º Ten. Raul de Vasconcellos.  
Copacabana. — Cap. Aurelio Amorim.  
1.ª Bat. Eng. — Cap. Xavier Moreira.  
Collegio Militar. — Ten. Maximiliano Fonseca.  
E. M. — Realengo. 2.º Ten. J. Teixeira Marques.  
Alumno Thimotheo F. Machado.  
E. E. M. — P. Verm. 1.º Ten. Newton Braga.  
Fabr. Realengo. — Cap. Freire de Vasconcellos.  
Direc. Material Bellico. — Cap. Mario Berlink.  
Arsenal. — 2.º Ten. Catullo Piá de Andrade.  
Direct. de Eng. — Cap. José Ribeiro Gomes.  
Encouraçado S. Paulo. — Ten. Cesar F. Xavier.  
Curso Apert. Inf. — Ten. Newton Cavalcanti.  
6.ª R. A. — 1.º Ten. E. Seroa da M. Ita.

## Fôra do Rio de Janeiro

Guarnição de Alegrete. — Cap. Christovão C. M. Mattos.  
47.ª Cag. — Belem, 2.º Ten. José de Oliveira Pimentel.  
50.ª Cag. — Bahia, 2.º Ten. Leal de Menezes.  
57.ª Cag. — Juiz de Fôra, Ten. J. Americo de Gouveia.  
5.ª R. Cav. — S. Luiz, Ten. Cor. Leovigildo Paiva.  
11.ª R. Cav. — Bagé, 2.º Ten. Armando N. Cavalcanti.  
12.ª R. Cav. — 1.º Ten. J. Theodoro Pereira de Mello.  
13.ª R. Cav. — 2.º Ten. Raul Vieira da Cunha.  
Coll. Barbacena. — 1.º Ten. José Martius de Arruda.  
Coll. P. Alegre. — Cap. Antonio da C. Lima.  
S. Gabriel. — 1.º Ten. Glycerio Oerpe.  
Escola Naval. — Baptista das Neves, Asp. J. Baker de Azamor.  
II. Reg. — 1.º Ten. Julio S. Coussaciro.  
VI Reg. — 1.º Ten. Pedro Angelo Correia.

VII Reg. — 1.º Ten. Amaro Villa Nova.  
3.ª B. Art. — Ten. Iberê Ferreira.  
6.ª B. Art. — Bahia, Ten. Cor. Pimenta.  
5.ª G. Ob. — Margem Taquary, 1.º Ten. Antonio Gomes dos Santos.  
16.ª Grupo. — Ten. Dr. Alexandre Meyer.  
18.ª Grupo. — Bagé, 1.º Ten. Salvador Obino.  
Fabr. Piqueto — 1.º Ten. Euclydes E. do Nascimento.  
Fabr. Estrella. — 1.º Ten. Heitor P. de C. Albuquerque.  
7.ª R. I. — Santa Maria, Ten. Olympio dos Santos Rosa.  
8.ª R. I. — Ten. Holdernes de Freitas Ramos.  
10.ª R. I. — 2.º Ten. Alcebiades A. de Almeida.  
Com. da Carta. — Ten. Irineu Trajano.  
1.ª Comp. 43 Cag. — 2.º Ten. Mario Travassos.  
39.ª Cag. — Major M. da Costa Lobo.  
3.ª R. C. — Ten. Adalberto Diniz.  
41.ª Cag. — 1.º Ten. Paulo de Araujo Bastos.  
Em Quarahim. — Cap. Antonio da Silva Menezes.  
14.ª R. Cav. — Campanha, Ten. Lincoln Marinho.

**PAGAMENTO** das assignaturas é adiantado e deve ser effectuado o mais tardar no seu segundo mez. Os recibos são expedidos depois do pagamento effectuado. Pagamentos a qualquer representante ou a qualquer dos mantenedores ou á Papellaria Macedo, Rua da Quitanda, 74. Semestre, 5\$000; Anno, 10\$000.

CAIXA POSTAL 1602